

Instituto Politécnico de Bragança

Escola Superior de Educação

**Contributos da Biblioteca Escolar para o desenvolvimento de uma
cultura integrada de leitura / das novas literacias**

Por

Lúcia Maria Gabriel Meireles Caldeira

Orientado por:

Maria Luísa Rodrigues de Carvalho

Relatório de Estágio apresentado à
Escola Superior de Educação
para obtenção do grau de
MESTRE
em 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

Junho 2011

"A parte que ignoramos é muito maior que tudo quanto sabemos."

Platão (428/27 a.C. – 347 a.C.)

"Al andar se hace el camino. | O caminho faz-se caminhando."

Antonio Machado (1875 – 1939)

À minha família

Resumo

Este estudo pretende reflectir sobre o contributo das bibliotecas escolares e seus recursos para a construção do conhecimento na escola.

Num momento inicial do trabalho, reflectimos sobre as condições genéricas do contexto escolar em que desenvolvemos a Prática de Ensino Supervisionada (PES) e sobre as práticas mais frequentes de ensino-aprendizagem no 1º e 2º ciclos do ensino básico.

De seguida, através de uma perspectiva histórica, reflectimos sobre o papel das bibliotecas ao longo do tempo até à actual Sociedade da Informação. Debruçamo-nos, particularmente, sobre a evolução e missão das actuais bibliotecas escolares, enquanto estruturas educativas, pedagógicas e centros de aprendizagem, discutindo o seu papel na promoção do sucesso educativo.

Trata-se de um trabalho de investigação e reflexão, cujo propósito primordial consiste em reconhecer a necessidade de, na actual sociedade da informação, nos empenharmos na criação de uma nova cultura educativa que promova a interacção, a autonomia e o sentido crítico entre todos os intervenientes na comunidade escolar.

Nesse sentido, o estudo partiu duma pesquisa bibliográfica que permitiu estabelecer a evolução dos conceitos principais da fundamentação teórica, na área das Bibliotecas.

O estudo empírico foi realizado na Escola Básica e Secundária de Macedo de Cavaleiros, para o qual usámos um questionário a um total de 33 alunos (1º ciclo e 2º ciclo do Ensino Básico)

O Modelo utilizado foi produzido pela Rede de Bibliotecas Escolares, e constitui-se num instrumento pedagógico para a avaliação do desenvolvimento coerente e consequente de novas metodologias de aprendizagem. Apesar da universalidade da nossa aplicação, o modelo permite avaliar a variabilidade imposta pelo contexto em que cada biblioteca se insere.

Abstract

This research aims to reflect on the contribution of the school libraries and their resources for the knowledge construction in school.

Firstly, we reflect on the general conditions of the school context in which we develop the Supervised Teaching Practice (STP) and on the most frequent practices of teaching and learning in the 1st and 2nd cycles of basic education.

Through a historical perspective, we reflect on the role of the libraries throughout the time until the present Information Society. We focus on the evolution and mission of the current school libraries, as educational, pedagogical structures and learning centres, pointing out their role in the promotion of the educational success.

This is a work of investigation and reflection, whose main goal consists of recognizing the need of engagement in the creation of a new educational culture in the present Information Society that promotes interaction, autonomy and critical sense among school community.

Thus, the study is based on a bibliographical research that allows to establish the evolution of the main concepts of the theoretical basis, in the area of the libraries.

The empirical study was carried out in the Basic and Secondary School of Macedo de Cavaleiros, supported by an inquiry launched to a total of 33 students (1st and 2nd cycles of Basic Teaching).

The model used was produced by School Libraries Network, and consists in a pedagogical instrument in the evaluation of the coherent and consequent development of new learning methodologies. Despite the universality of our application, the model allows to evaluate the variability imposed by each library specific context.

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Luísa Rodrigues de Carvalho, orientadora deste Relatório Final, pela sua motivação, pelas suas sugestões, ideias e orientações.

À Professora Doutora Delmina Pires, minha docente de Ciências da Natureza, por toda a disponibilidade e por todos os conselhos dados ao longo desta caminhada, que foi o percurso de Mestrado em 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico.

Ao Professor Doutor Celestino Alves, Presidente da Comissão Científica do Curso, por todo o apoio prestado.

Ao Director do Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros, professor Paulo Dias, pela disponibilidade e encorajamento que proporcionou.

Às amigas Maria do Rosário Caldeira e Maritza Dias, pelos conhecimentos partilhados, por toda a disponibilidade, apoio e bibliografia facultada.

À minha colega e amiga Professora Ana Maria Pereira, pela simpatia, amizade e disponibilidade que demonstrou desde o início desta caminhada.

À minha família pela ajuda, preocupação, amizade, carinho e por tudo aquilo que com ela tenho alcançado.

A todos, um sincero obrigada!

IPB, Lúcia Maria Gabriel Meireles Caldeira

Bragança, 15 de Junho 2011

Índice

Introdução	1
Capítulo I	2
O contexto de ensino e os recursos para a literacia	2
1. Caracterização sumária do contexto de ensino em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada e recursos pedagógicos disponíveis.	2
1.1.Contexto Socio-Cultural	2
1.2.Caracterização do Agrupamento de Escolas	4
1.3. Literacia e Práticas Pedagógicas nos diversos contextos: Educação Pré-Escolar, 1º e 2º Ciclos	5
Capítulo II	9
Tradição das Bibliotecas Escolares	9
2. O Papel das Bibliotecas Escolares	9
2.1. O Papel das Bibliotecas Escolares	9
2.1.1. As Bibliotecas Escolares: breve história do seu papel nas escolas.....	9
2.1.2.O novo conceito de Biblioteca escolar.....	17
2.1.3.A gestão pedagógica da BE – O Professor Bibliotecário: Gestão da BE num contexto de mudança pedagógica	19
2.2. A BE e o desenvolvimento das novas literacias	25
2.2.1. O conceito de literacia, nos diferentes domínios do conhecimento, e a actualização do fundo da BE.	25
2.2.2. Quadro – síntese do fundo disponível na BE: possibilidades e limitações	29
2.2.3. Questionário dirigido aos alunos: tratamento e análise crítica dos dados obtidos.....	33

2.2.4. Previsão de metodologias e de actividades de aprendizagem em função dos recursos da BE:	45
Capítulo III	47
3. A Prática de Ensino Supervisionado e os Recursos da Biblioteca Escolar	47
3.1. Âmbito da PES realizada – níveis e áreas de conhecimento.....	47
3.2. Planificação das unidades de aprendizagem previstas.....	48
3.3. Descrição das situações reais de aprendizagem, nos dois graus de ensino e nos diferentes domínios do conhecimento, com recurso à BE.....	68
3.4. Reflexão sobre as experiências de aprendizagem efectuadas com recurso à BE: possibilidades e limitações presentes. E no futuro?.	70
CONCLUSÃO	74
Bibliografia	75

Índice de Figuras

Figura 1- “Mapa do Concelho”	2
Figura 2- “Ciclo de Deming”	20

Índice de Gráficos

Gráfico 1- “Grau de Escolarização da população”	4
Gráfico 2- “Distribuição da amostra de acordo com o gênero”	34
Gráfico 3- “Distribuição da amostra de acordo com o ano de escolaridade”	34
Gráfico 4- “Frequência da Biblioteca”	35
Gráfico 5- “Requisição de livros na BE”	37
Gráfico 6- “Requisita livros”	38
Gráfico 7- “Classificação das suas competências de leitura”	40
Gráfico 8- “Contribuição da BE nas competências de leitura e nos resultados escolares”	44

Índice de Tabelas

Tabela 1- “Zonas funcionais, equipamentos e lotação”	29
Tabela 2- “A colecção”	30
Tabela 3- “Situações em que mais utiliza a BE”	36
Tabela 4- “Distribuição da amostra”	39
Tabela 5- “Trabalho realizado pela BE”	41
Tabela 6- “Classificação das actividades realizadas pela BE”	41
Tabela 7- “Acitvidades em que já participou”	42
Tabela 8- “Comparação entre o início do ano e agora”	43

Glossário de Siglas

Indicam-se, as siglas utilizadas, ao longo deste trabalho e o respectivo significado.

- BAD Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas
- BE Biblioteca Escolar
- BE/CRE Biblioteca Escolar/ Centro de Recursos Educativos
- CEB Ciclo do Ensino Básico
- EB/S Escola Básica e Secundária
- GEP Gabinete Estudos e Planeamento
- IASL International Federation of Library Associations and Institutions
- IFLA Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias
- INE Instituto Nacional de Estatística
- ME Ministério da Educação
- PNL Plano Nacional de Leitura
- PRODEP Programa Operacional da Educação
- RBE Rede de Bibliotecas Escolares
- SABE Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares
- UNESCO United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
- WCOTP World Confederation of Organizations of the Teaching Profession

Introdução

A inscrição neste Mestrado teve como principal objectivo compreender melhor o processo inerente às práticas de ensino e melhorar a formação científica e pedagógica. As expectativas eram, à partida, elevadas, mas, chegada ao fim deste percurso, sentimos que se cumpriu plenamente o objectivo e as expectativas de partida foram largamente ultrapassadas.

De entre os vários temas susceptíveis de serem desenvolvidos, ao longo do nosso trabalho, sentimos, desde logo, especial apreço por aquele que conciliasse as duas vertentes essenciais da nossa prática docente – a biblioteca escolar e a prática de ensino supervisionado. Na verdade, foram motivos de ordem pessoal e de índole profissional que impulsionaram a perspectiva central deste trabalho, que nos permitiu aprofundar conceitos e reflexões, submetê-los à prova da experimentação, nas aulas de Prática de ensino supervisionado e avaliar os resultados obtidos.

Por isso, o presente relatório concebe-se como uma reflexão sobre a importância da gestão de recursos face à desejada mudança, tendo em vista a qualidade dos serviços prestados pela biblioteca escolar e o impacto positivo que estes exercem nas aprendizagens dos alunos e no sucesso educativo.

Neste processo de gestão, mudança e avaliação dos serviços prestados pela biblioteca escolar, destacamos o papel relevante do professor - bibliotecário, mobilizador principal dos vários grupos que compõem a escola e do seu desempenho na actual comunidade para o conhecimento que a escola deve ser.

Formação especializada, capacidade de liderança e visão estratégica são factores determinantes para tornar a biblioteca escolar um centro de recursos e de aprendizagens em que os alunos considerem o livro como fonte essencial da informação e a leitura, uma actividade do dia-a-dia, em suma, o verdadeiro “hub” da escola e da aprendizagem.

Capítulo I

O contexto de ensino e os recursos para a literacia

concelho, ocupando cerca de 38% da população activa. As condições climáticas e a fertilidade do solo permitem a produção de variados produtos agrícolas e pecuários. Dada a reduzida dimensão das explorações, a sua administração é feita quase sempre pelo seu proprietário e o recurso à mão-de-obra assalariada é diminuto e tem frequentemente um carácter eventual.

O sector secundário é o que emprega menos pessoas, mas é o que apresenta maior dinâmica de crescimento, devido ao incremento das obras públicas.

O sector terciário encontra-se deficientemente estruturado, na medida em que está essencialmente concentrado na sede de concelho e é repartido apenas pelos serviços da administração pública, de educação e de saúde. O subsector do comércio é dominado, quase exclusivamente, por pequenas empresas, quase todas familiares e de comércio misto. O comércio por grosso está vocacionado primordialmente para os produtos agrícolas ou para a agricultura, géneros alimentícios e bebidas e materiais de construção.

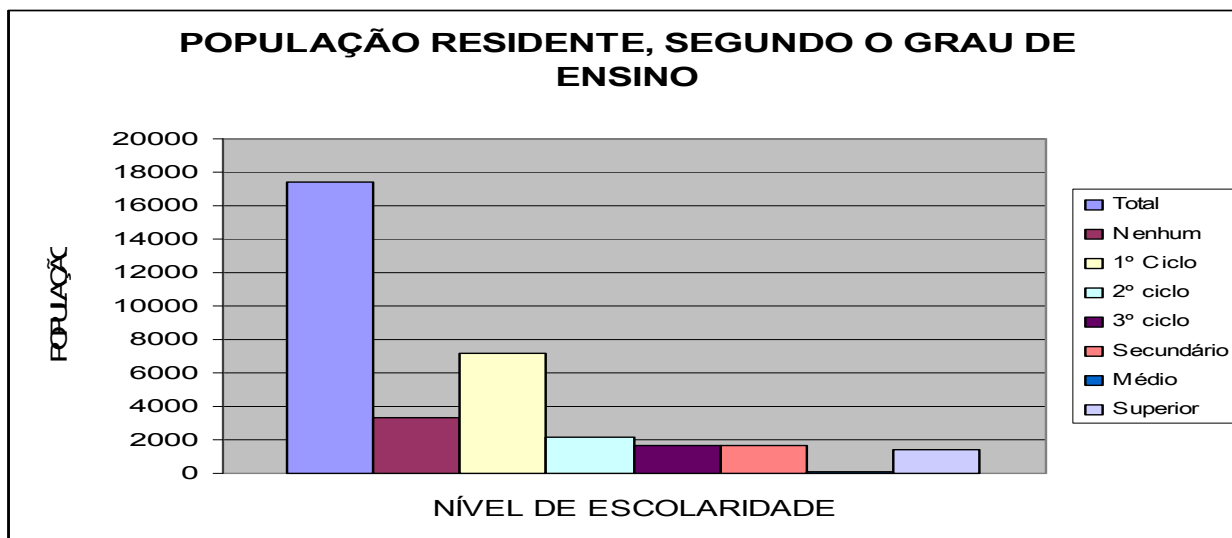
Em termos de demografia, os grupos etários dos 0 aos 14 anos e dos 15 aos 25 anos são os que apresentam taxas mais baixas. Este facto deve-se essencialmente à baixa natalidade e ao fluxo migratório, para centros urbanos maiores, da população em idade fértil. Por isso mesmo, o envelhecimento da população residente é cada vez mais notório.

Quanto aos níveis de escolarização, e ainda de acordo com os dados fornecidos pela *Carta Educativa* do Município, a grande maioria da população residente tem apenas o 1º Ciclo, encontrando-se na segunda posição o grupo que não possui nenhum grau de escolarização (analfabetismo).

O nível médio de ensino abrange apenas 61 pessoas, sendo o grau de ensino mais carenciado da população residente no concelho.

O nível superior abrange uma taxa significativa da população.

Gráfico 1 - Grau de escolarização da população²



1.2. Caracterização do Agrupamento Vertical de Escolas de Macedo de Cavaleiros

O Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros congrega toda a oferta pública de ensino do Município, do 1º ao 12º ano, sendo constituído por 14 estabelecimentos de ensino, entre os quais se encontram nove Jardins-de-Infância, quatro Escolas de 1º Ciclo do Ensino Básico (duas situadas em meio rural, e dois pólos na cidade) e a Escola Básica e Secundária de Macedo de Cavaleiros, perfazendo um total de cerca de 1600 alunos/ formandos e 244 docentes. O pessoal docente é maioritariamente do sexo feminino e com formação ao nível da licenciatura. Desta população, a maioria pertence ao Quadro de Agrupamento.

O Agrupamento tem como escola sede a Escola Básica e Secundária de Macedo de Cavaleiros, tendo sido criada em 2007 pela fusão das Escolas EB 2,3 (actual pólo 2) e Secundária (actual pólo 3) da cidade. Em cada uma das escolas objecto de fusão existia já uma BE em funcionamento, tendo-se mantido esta situação pelo facto de se ter verificado um aumento da população escolar a frequentar a escola entretanto criada. Procedeu-se à deslocação de todo o 3º CEB para as instalações da extinta Escola Secundária, tendo as instalações da extinta EB2,3 mantido as turmas do 2º CEB e

² in Carta Educativa do Concelho de Macedo de Cavaleiros

recebido dez turmas do 1º CEB. A Direcção Executiva optou pela designação pólo 2 e pólo 3 para identificar as duas instalações uma vez que da fusão resultou uma só designação para aqueles espaços (Escola Básica / Secundária de Macedo de Cavaleiros) não obstante o facto de, em cada um dos pólos, se ter mantido em funcionamento a globalidade dos serviços de qualquer estabelecimento de ensino isolado.

Para além das duas existentes na escola sede, o Agrupamento possui uma terceira Biblioteca no Centro Escolar de Macedo de Cavaleiros e uma quarta na escola de 1º CEB de Morais.

1.3. Literacia e práticas pedagógicas nos contextos pedagógicos do 1º e 2º ciclos

Consideramos que o Jardim de Infância deve proporcionar experiências literácicas diversificadas e ricas, mas, acima de tudo, deve interagir permanentemente com as famílias, inculcando-lhes a motivação e o gosto para ter em casa livros que despertem os filhos para a leitura.

Segundo Ministério da Educação, os livros contribuem para a descoberta do prazer da leitura e para o fomento da sensibilidade estética na criança, devendo a sua escolha obedecer a critérios específicos de estética literária e plástica. No contacto com o texto manuscrito ou impresso e identificando as diferentes formas que correspondem a letras, a criança apodera-se da especificidade do código escrito: “Esta abordagem à escrita situa-se numa perspectiva de literacia enquanto competência global para a leitura no sentido de interpretação e tratamento da informação que implica a “leitura” da realidade, das “imagens” e de saber para que serve a escrita, mesmo sem saber ler formalmente”.³

A nossa experiência profissional, vivenciada com crianças de Jardim de Infância, veio demonstrar ao longo dos anos, que os livros existentes nos Jardins de Infância eram escolhidos sem qualquer critério, o investimento feito nesta área era reduzido e quem procedia à selecção das obras não se dirigia às livrarias nem consultava catálogos, preferindo comprar a vendedores de Editoras que comercializam livros ao domicílio ou optando por produtos baratos e de fraca qualidade.

³ Ministério da Educação (1977). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. p.66

Assim, de forma a compensar as crianças pela fraca qualidade das obras existentes no Jardim, procurámos organizar actividades de Conto Infantil, proporcionando-lhes momentos de calma e concentração regados de actividades dinâmicas e lúdicas, conciliando, assim, a prática de ler um livro, com dramatizações, canções, e outras, para que fosse possível uma exploração mais vantajosa, de forma a que o interesse das crianças fosse, cada vez mais, suscitado.

O contacto precoce com o livro infantil e com a literatura é unanimemente reconhecido como fundamental no processo de ensino – aprendizagem. A aventura de ler começa muito cedo. Pelo caminho longo e complexo que percorre, desde a sua entrada na Educação Pré - Escolar até ao final do 2º ciclo do Ensino Básico, a criança atravessa um percurso de inúmeras transformações a vários níveis, sejam elas de índole física, psicológica, linguística, social entre outros. Depreendemos que o contacto precoce com o livro infantil e com a literatura, e os estímulos que recebe por parte dos adultos, permitem um incremento no processo de desenvolvimento da criança. Para formar leitores é indispensável criar situações que proporcionem múltiplos contactos com livros e permitam desenvolver, em parceria, a competência leitora e o gosto pela leitura.

Assim, a escola, a família, bem como a própria sociedade são mediadores decisivos no despertar do gosto pela leitura nas crianças, desde a sua tenra idade.

A experiência veio demonstrar a importância desta área de produção literária pelos seus poderes distintos, não só aos níveis linguístico e literário, como no desenvolvimento relacional, afectivo e moral da criança, fomentando, deste modo, um interesse redobrado em ampliar os nossos conhecimentos neste universo.

Ao longo do tempo é sentida, com particular urgência, a necessidade de formação na área das Bibliotecas Escolares. Assim, foram realizadas diversas formações para a melhoria do conhecimento nesta área. Tomou-se consciência de uma necessidade, cada vez mais forte, de trazer os alunos à BE, incentivando-os a uma leitura regular, o que coincidiu com o lançamento do Plano Nacional de Leitura (PNL). Resolução do Conselho de Ministros nº 86/2006 de 12 de Julho de 2006, envolvendo três Ministérios: O Ministério da Educação, O Ministério da Cultura e o Ministério dos Assuntos Parlamentares. O PNL tem como grande finalidade dar uma resposta institucional, mas com carácter de urgência, aos fracos níveis de literacia existentes em Portugal, quer na população em geral, quer na população mais jovem

É de destacar a função que assumem as bibliotecas, quer escolares quer da rede pública, na promoção e divulgação do livro. Com tal medida legislativa pretende-se intervir no terreno com estratégias destinadas ao desenvolvimento das competências da leitura e da escrita, assim como na promoção de hábitos de leitura entre a população escolar.

O diploma salienta a importância de ler diariamente nos vários contextos de interacção, em jardins de infância e escolas dos 1º e 2º ciclos, nas salas de aula, em contexto familiar, em bibliotecas e outros espaços acolhedores da leitura. As escolas e jardins-de-infância deverão trabalhar com conjuntos diversificados de livros, adequados a cada nível de escolaridade e que se ajustem também às características de cada turma.

As verbas concedidas pela Rede de Bibliotecas Escolares e PNL puderam ser utilizadas e geridas de forma a garantir um maior número de obras adequadas à idade e áreas de maior interesse dos alunos. Com o apoio e colaboração dos coordenadores das áreas disciplinares, tentou efectivar-se uma boa gestão da colecção na BE.

A BE/Centro de Recursos Educativos tornou-se, assim, um espaço de apoio para os docentes, quer no âmbito da actividade lectiva, quer nas áreas extra-curriculares. Com este intuito, a BE procurou promover actividades (recepção a todos os alunos, feiras do livro, recepção a escritores, exposições, guias de literacia, etc) que envolvessem os alunos, educadores de infância e professores, na sua preparação e concretização e, sempre com a colaboração do Conselho Executivo que garantia todas as condições financeiras, materiais e humanas.

As Bibliotecas ou Espaços de Leitura são locais ideais para apostar nestas mudanças significativas, dado que ao serem dinamizados, acabam por se tornar num espaço vivo, dinâmico, descontraído, agradável onde imperam as boas relações.

Tendo por base estas questões, foram criados os projectos “Baús de Leitura”, “Sementes de Leitura”, “Atelier de Leitura/ Escrita e Expressão Plástica” e “Leituras na Rádio” destinadas ao Pré-escolar, 1º e 2º ciclos do ensino básico e realizadas em articulação com a Biblioteca Municipal.

Todas as actividades referidas promovem o Livro, suscitando, assim, nas crianças, cada vez mais, o interesse e gosto pela leitura, condição básica para que se possam formar cidadãos competentes, autónomos e críticos, capazes de responder aos desafios que a sociedade actual, Sociedade da Informação e do Conhecimento, coloca.

Capítulo II

O Papel das Bibliotecas Escolares

Capítulo II

O Papel das Bibliotecas Escolares

2.1. O Papel das Bibliotecas Escolares

2.1.1. As Bibliotecas Escolares: breve história do seu papel na Educação

Não podemos falar de Bibliotecas, sem referir o surgimento da escrita.

A escrita foi, sem dúvida, a maior criação da Humanidade, o marco que divide a presença do Homem na Terra em Pré-História e História, e que surgiu da necessidade de registar, de forma “definitiva”, as suas mensagens: as suas descobertas, as suas necessidades, as suas vontades, as suas ordens, os seus acordos, as suas leis, enfim, todas as aquisições do conhecimento que tivessem repercussões futuras.

Considera-se que foram os sumérios os criadores da escrita. Utilizaram como material de registo placas de argila, de madeira ou marfim que constituíram os seus livros e mesmo de outras civilizações da Ásia Menor, da costa oriental do Mediterrâneo, das ilhas gregas e da própria Grécia. Reconheceu-se, já nessa época, a necessidade de se preservarem estes documentos em locais apropriados. E assim nasceram as bibliotecas.

A primeira biblioteca de que há notícia, considerada a mais antiga do mundo, é a biblioteca de Ebla, que se situava perto do porto de Ugarit, na região da actual Síria. A biblioteca desta cidade foi descoberta apenas em 1975. Era constituída por dois edifícios, que faziam parte de um palácio, e continham 17000 fragmentos de placas de argila, o que corresponde a cerca de 4000 documentos. Encontraram-se textos económicos, administrativos, inventários, listas de reis de Ebla, éditos reais, tratados políticos, textos literários sumérios, poesias épicas e mitológicas e 32 dicionários sumério-eblita. As escavações de Ebla mostraram também que algumas das funções bibliotecárias já estavam definidas nas suas linhas essenciais: classificação dos materiais; referências nas lombadas das placas para a sua rápida localização e estanteria adequada onde os materiais se encontravam ordenados pela sua forma e pelo seu teor,

para que se conservassem em segurança e se encontrassem facilmente. Afinal, os princípios básicos da organização bibliotecária.⁴

Em meados do séc. XIX, foi descoberta a biblioteca do rei Assurbanípal (669-625 a.C.), nas escavações realizadas no palácio de Nínive. Esta biblioteca terá sido a última criada pelos assírios e foi a mais célebre da sua época.

Com a chegada da civilização egípcia, as placas de argila foram substituídas por papiro, cujos rolos eram guardados nas principais bibliotecas, como a de Carnaque ou a de Edfu, que já tinha num dos seus muros o catálogo dos livros sagrados que possuía. Para os egípcios, as bibliotecas tanto eram chamadas como “casa dos livros” como “casa da vida”.

A primeira biblioteca pública grega foi a de Atenas, fundada provavelmente por Licurgo no ano 330 a.C.. Considera-se que a única biblioteca do mundo grego que pôde rivalizar com a biblioteca de Alexandria, foi a biblioteca de Pérgamo, reino da Ásia Menor, que foi fundada por Eumenes II (197-159 A.C.). A biblioteca de Alexandria, do séc. III a. C.. a mais célebre da antiguidade, possuía cerca de 700 000 rolos. Incendiada por três vezes, por César em 47 A.C., pelos cristãos em 391 e, finalmente, pelos Turcos em 868, pretendeu reunir as melhores cópias de toda a produção literária grega. Notabilizou-se pelos recursos materiais e bibliográficos para o estudo e investigação científica, filosófica e erudita. A sede de conquista dos romanos e a ânsia de mostrarem espólios de guerra fez com que a partir da conquista das cidades gregas, levassem para Roma, as bibliotecas das cidades que iam subjugando. A primeira biblioteca pública romana data de 39 a.C., criada por Asínio Pólio.⁵

Após os altos e baixos do Império Romano, a Igreja Católica tornou-se o centro polarizador do novo rumo da cultura e a criadora de instituições de ensino cujo desenvolvimento culmina com a instituição das Universidades, no séc. XIII. Até esse momento, as bibliotecas encontram-se, geralmente, em mosteiros que possuíam uma Livraria e um *Scriptorium* destinado à cópia de manuscritos. O saber aí depositado era um saber de elite, apanágio dos membros do clero. Um saber hermético e místico, conservado por monges zelosos do seu ofício.

Em Portugal, distinguem-se, nesta época, vários tipos de livrarias medievais: as monásticas, de que as principais são, no séc. XII., as dos Mosteiros do Lorvão, Sta.

⁴ Pinto, Paixão dos Santos. (2009). *Marketing e Relações Públicas nas Bibliotecas Escolares*. Universidade Aberta: p.14

⁵ *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*; Volume 3 (1965); Editorial Verbo. Lisboa: p.1268-1269

Cruz de Coimbra e Alcobaça, que também dispunham de *scriptoria*, onde os livros e os documentos eram copiados; as episcopais e capitulares; as livrarias seculares, entre as quais as dos particulares, sobretudo as dos eruditos da época; as livrarias reais, com os livros de D. Dinis e, em especial, a de D. João I, que terá sido o monarca que criou a primeira Livraria Real, desenvolvida por D. Duarte, D. Afonso V e D. Manuel I.⁶

A partir da descoberta da imprensa e após o aparecimento do Humanismo, os livros, tornados objectos mais pequenos, mais cómodos, mais fáceis de manusear e, sobretudo, mais acessíveis ao público, foram objecto de grandes tiragens, colocando a cultura e o saber ao alcance de todo aquele que soubesse ler. A biblioteca toma outra dimensão e multiplica-se largamente, o que leva a novos problemas da divulgação da leitura e a novas técnicas para satisfazer as exigências criadas e poder dominar o volume de espécies surgidas.

No séc. XVIII, em Portugal, foi notável a acção de D. João V, quer ordenando que se erguessem bibliotecas, entre as quais a de Mafra (continha 38 000 volumes quando foi concluída) e a da Universidade de Coimbra, em 1728, quer equipando-as com livros valiosos. Data de 1796, a criação da Real Biblioteca Pública da Corte [Biblioteca Nacional a partir de 1836] com abertura ao público a partir de 1797, público esse muito restrito já que a maioria da população portuguesa não sabia ler nem escrever⁷.

Na segunda metade do séc. XIX, a biblioteca populariza-se, deixa de ser recinto para alguns privilegiados e surge o conceito de Biblioteca Pública com larga afluência de todas as camadas da população, sobretudo em países onde o incentivo à leitura e a obrigatoriedade de frequentar a escola já estavam enraizados. Nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Canadá, por exemplo, o desenvolvimento das bibliotecas escolares está relacionado com o crescimento das bibliotecas públicas, na última metade do séc. XIX. As bibliotecas públicas serviam as necessidades das escolas públicas que, muitas vezes, eram construídas na sua proximidade. Os técnicos destas bibliotecas, frequentemente, colocavam colecções de livros nas próprias escolas, à disposição dos alunos. Surgem também as bibliotecas itinerantes, criadas para visitar as escolas situadas em áreas rurais. Em Portugal, surgem referências à criação de bibliotecas na legislação liberal sobre o ensino primário numa Portaria do Ministério dos Negócios do Reino (Portaria

⁶ *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*; Volume 3 (1965); Editorial Verbo. Lisboa: p.1269

⁷ Pinto, Paixão dos Santos. (2009). *Marketing e Relações Públicas nas Bibliotecas Escolares*. Universidade Aberta: p.16

do Ministério dos Negócios do Reino, 20 de Julho 1866)⁸, mas a verdade é que nem as escolas tinham edifícios apropriados, nem os poucos professores tinham a formação necessária para o desenvolvimento de bibliotecas escolares. Com o Decreto de 2 de Agosto de 1870, criam-se as bibliotecas populares, dirigidas à população de nível sócio-económico mais baixo e que tinha começado a ser alfabetizada. Cada Município deveria manter pelo menos uma biblioteca, na sede de concelho, sendo os livros fornecidos pelo governo.

Apesar deste esforço de construção ou criação de novas bibliotecas, o facto é que a leitura, por prazer ou por ofício, continuava a ser privilégio de poucos, e se possuir um livro era, para alguns, possuir um tesouro, para a maior parte da população era uma inutilidade.

As bibliotecas continuavam a servir, principalmente, como local de conservação e de arquivo; ao bibliotecário competia organizar o fundo documental que era consultado, de forma restrita, por raros estudiosos e eruditos.

Desde o final do séc. XIX que o grande crescimento, a nível mundial, das publicações periódicas, sobretudo jornais, vem trazer um novo conceito de documentação que implica o uso de novas técnicas na administração e organização de uma biblioteca. Surge a nova disciplina, a biblioteconomia, com duas grandes funções: a catalogação e a classificação bibliográficas.

É por esta altura que Paul Otlet aperfeiçoa o método de classificação de documentos criado por Dewey, originando a Classificação Decimal Universal (CDU) e vai adoptar a ficha catalográfica normalizada que ligaria produtores, distribuidores e utilizadores de informação a nível mundial. Esta ficha, que serviu para catalogar documentos nas bibliotecas de todo o mundo, ainda hoje é o formato de muitos programas (software) de informatização de catálogos bibliográficos.

O período pós- 2ª Guerra Mundial, foi, no Ocidente, uma época de grande desenvolvimento das bibliotecas escolares. Esta tendência surge mais cedo nos Estados Unidos e Canadá (Québec), tendo-se generalizado, progressivamente, aos outros países industrializados. A chegada dos meios audiovisuais à escola, na década de 50, deu lugar à criação, nos Estados Unidos, dos centros de recursos onde se organizavam meios audiovisuais e livros. Nos países escandinavos, como a Dinamarca e a Suécia mas também, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e no Japão, procurou-se que

⁸ Portaria do Ministério dos Negócios do Reino, Direcção-Geral da Instrução Pública, in *Diário de Lisboa*, 20 de Julho de 1866

todas as escolas tivessem uma biblioteca. Esta tendência inscreve-se nas linhas de força do movimento de mudança da escola que procurava, então, fazer uma ruptura com o sistema tradicional de ensino.

É neste contexto que algumas instituições privadas vão procurando incentivar a leitura como forma de acesso ao saber e como forma de prazer. Destas, a Fundação Calouste Gulbenkian é, certamente, a que mais memórias traz às gerações que, nos anos 50/ 60, procuravam o livro como um companheiro inseparável. Face à decadência cultural do país, a Fundação Calouste Gulbenkian apostou inicialmente na criação de uma rede de unidades móveis, capazes de levar o livro a populações isoladas que, de outro modo, não teriam acesso a ele.

Apesar deste trabalho em prol do livro e da leitura, a situação nas escolas não evoluía. A maior parte das escolas portuguesas não tinha bibliotecas e as que as tinham, salvo raras excepções, não faziam deste espaço um local atractivo, dinâmico e potenciador de aprendizagens. O facto é que uma grande parte da população adulta de hoje, em Portugal, não pôde desfrutar das vantagens evidentes de ter uma biblioteca na sua escola, ou mesmo na sua zona de residência.

Nos anos 70, o projecto das escolas P3 incluía uma zona destinada à leitura. Verifica-se, no entanto, que a área reservada a esse efeito correspondia apenas acerca de um terço da sala de aula. Não é, portanto, de estranhar que a percentagem de edifícios de 1º ciclo com espaço para biblioteca fosse mínimo (7,9 %) e que só um pequeno número de escolas (35,6 %) tenha conseguido ultrapassar parcialmente a lacuna, improvisando espaços alternativos⁹.

Em 1971, na Jamaica, é fundada a IASL (Associação Internacional de Bibliotecários Escolares) enquanto Membro Internacional Associado da WCOTP (Conferência Mundial de Assembleias de Profissionais de Educação).

Em Agosto de 1976, a Comissão Australiana da UNESCO promoveu um Seminário sobre o Planeamento e Desenvolvimento de Bibliotecas Escolares. Uma das conclusões desse seminário referia-se à preparação de um “Manifesto das Bibliotecas Escolares” semelhante ao “Manifesto das Bibliotecas Públicas” da UNESCO. Em Novembro de 1980, confirma-se o Manifesto de Biblioteca Escolar como documento oficial da UNESCO.

⁹ Veiga, Isabel et al. (1996). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação

Em Portugal, por decisão da Secretaria de Estado da Cultura¹⁰, (Despacho n° 23/86), cria-se neste ano, um grupo de trabalho que tinha por tarefa definir as bases de uma política nacional de leitura pública que assentaria “fundamentalmente na implementação e funcionamento regular e eficaz de uma rede de bibliotecas municipais, assim como no desenvolvimento de estruturas que, a nível central e local, mais directamente as pudessem apoiar”.

É com o processo da reforma educativa, que as mediatecas escolares, em Portugal, começam a ter algum desenvolvimento. No artigo 41º, que define recursos educativos, aparece pela primeira vez a referência à mediateca escolar. Mas, como afirma Canário¹¹, a concepção de recursos educativos aí presente é redutora. A Lei n°19- A/87, de 3 Junho, ‘Medidas sobre o ensino - aprendizagem da língua portuguesa’, reconhecendo a importância das bibliotecas escolares, decreta no seu artigo 4º, que:

- 1- Serão criadas bibliotecas em todos os estabelecimentos de ensino que ainda as não possuam e implementadas medidas no sentido de assegurar a permanente actualização e o enriquecimento bibliográfico das bibliotecas escolares.
- 2- As bibliotecas escolares serão apetrechadas com os livros indispensáveis ao desenvolvimento cultural e ao ensino - aprendizagem da língua materna e adequados à idade dos alunos, cabendo ao Ministério de Educação e Cultura criar condições de acesso e de orientação dos alunos relativamente à leitura.

Reconhecia-se o papel que uma biblioteca escolar devia desempenhar na motivação e na “orientação” dos alunos para a leitura. Criou-se o enquadramento legal, mas na realidade os orçamentos das escolas previam verbas irrisórias para a rubrica “biblioteca”, os livros não eram considerados “artigos de primeira necessidade” e eram adquiridos “com algumas migalhas orçamentais sobrantes das compras de outros artigos”¹². Fora do âmbito do Ministério da Educação, entre 1986 e 1988, a Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas promove dois cursos dirigidos para esta área: “Organização e animação de Bibliotecas Escolares”, em Lisboa.

¹⁰ Despacho n° 23/86, 3 de Abril, Secretaria de Estado da Cultura

¹¹ Canário, R. (1994). *Mediatecas Escolares. Génese e desenvolvimento de uma inovação*. Lisboa: IIE

¹² Calixto, J. A.. *Literacia da Informação: Um desafio para as bibliotecas*- Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo555/.pdf> (acedido em Julho 2009)

Na publicação do Gabinete Estudos e Planeamento, *Educação* n.º3, de 1989, pode ler-se que dois dos objectivos do subprograma “ Mediatecas Escolares” seriam nomeadamente: “levar os alunos a utilizar os recursos existentes de forma a contribuir para a auto-educação” e “fomentar a aquisição de técnicas de investigação”. Na mesma publicação, afirma-se ainda, que se pretende equipar as escolas do 1º ciclo com “um pacote constituído por biblioteca infantil actualizada; retroprojector; unidade de projecção” e as escolas preparatórias e secundárias deveriam ser “dotadas de um fundo que lhes permita actualizar os instrumentos que já possuem”.

Em vários pontos do país, há projectos que se vão desenvolvendo. Várias bibliotecas municipais, através do programa SABE (Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares) incentivam o desenvolvimento de bibliotecas escolares. Refira-se, entre outros, o Grupo de Trabalho de Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal que organizou, em Outubro de 1994, o 1º Encontro de Bibliotecas Escolares que teve lugar em Portugal.

Internacionalmente, diferentes organismos procuram adaptar os seus princípios, as suas bases de trabalho, à realidade social. Com as mudanças que se foram verificando mundialmente, sobretudo a nível da tecnologia da informação, em 1993, a IASL reviu a sua declaração inicial, cuja versão actualizada foi adoptada pelos seus membros a 29 de Setembro de 1993, em Adelaide, Austrália.

Em Dezembro de 1995, verificada, mais uma vez, e sem dúvida alguma, a insuficiência de hábitos e práticas de leitura em Portugal, o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura, através do despacho conjunto n.º43/ ME/ MC/ 95, decidem criar um grupo de trabalho cujo objectivo era “analisar e propor medidas tendentes a incentivar a utilização do livro nas metodologias de ensino e na organização do tempo escolar, e o desenvolvimento de bibliotecas escolares, como forma de incrementar a leitura pública.”¹³

No espaço de três meses, este Grupo de Trabalho, coordenado por Isabel Veiga, elabora o relatório “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares”, onde se equacionam problemas, se efectua um diagnóstico descritivo actualizado das bibliotecas escolares em Portugal e se estabelecem os princípios, as linhas de orientação e o programa de lançamento da rede de bibliotecas nas escolas portuguesas. Neste relatório são lançadas as linhas directoras das bibliotecas escolares, que servirão de orientação à criação ou à

¹³ *Despacho Conjunto n.º 45/ME/MC/95 de 29 de Dezembro*

transformação das bibliotecas já existentes nas escolas; são definidas as linhas de orientação técnica e funcional, procurando-se que sejam comuns para todas as bibliotecas e é apresentado o *Programa Rede de Bibliotecas Escolares*.

O *Programa Rede de Bibliotecas Escolares* é iniciado no ano lectivo 1996/1997, e tem por finalidade apoiar a criação e/ou desenvolvimento de bibliotecas escolares nas escolas públicas dos diferentes níveis de ensino. Prevê que cada BE/CRE seja entendida como um pólo dinamizador da escola, como um recurso privilegiado do sistema educativo e é-lhe conferido um papel fulcral nos domínios da leitura e da literacia, da aquisição de competências de informação e do aprofundamento da cultura. Um efectivo centro de recursos multimédia, de livre acesso, destinado à consulta, selecção e produção de documentos em diferentes suportes:

“(…) a biblioteca escolar deve ser concebida como um verdadeiro “centro de recursos educativos” multimédia (livros, programas informáticos, periódicos, registos vídeo e áudio, diapositivos, filmes, Cd-ROM, etc.), ao dispor de alunos, de professores e, em condições específicas, de outros elementos da sociedade”¹⁴.

Cada BE/CRE deve dispor de zonas funcionais criadas através de mobiliário e equipamento específicos. O fundo documental deve ser diversificado, actualizado e de acordo com os interesses e necessidades curriculares da comunidade escolar; deve ser dinamizado por uma equipa de professores e técnicos com formação adequada; ter uma dotação orçamental própria e deve o seu projecto ser indissociável do projecto educativo da escola/ agrupamento.

Desde 1996, o Programa RBE apoiou a criação/ instalação de cerca de 2030 bibliotecas escolares através do lançamento de candidaturas. Estas candidaturas, até 2005, apresentavam duas modalidades: a candidatura concelhia e a candidatura nacional. Nesse ano foi lançada a candidatura de mérito. Conforme se pode ler, nesse documento, “A candidatura concelhia destina-se a apoiar escolas pertencentes a concelhos previamente escolhidos mediante critérios técnicos predefinidos e de acordo com uma política de criação faseada de infra-estruturas nesta área.”

A candidatura nacional “dirige-se às escolas dos vários níveis de ensino que, fora das áreas geográficas abrangidas pelas candidaturas concelhias, desenvolvem

¹⁴ Veiga, Isabel et al. (1996). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação: p.13

experiências significativas em matéria de organização, gestão e dinamização de BE/CRE...”.¹⁵

A candidatura de mérito destina-se a “apoiar os projectos que operaram um salto qualitativo em distintos domínios de intervenção, implementando um conjunto alargado de boas práticas, susceptíveis de divulgação na Rede Bibliotecas Escolares.”.

Em 2006, a portaria 13 599/2006, de 28 de Junho, no seu artigo 8º, vem consignar as funções do coordenador e da equipa da BE/CRE, assim como os requisitos de formação para que os docentes possam exercer estas funções¹⁶.

Em 2009, a portaria 756/2009, de 14 de Junho, estabeleceu as regras de selecção dos docentes para a função de professores bibliotecários¹⁷.

Nos últimos anos, vários tipos de acções têm vindo a ser dinamizadas com o objectivo de despertar a comunidade educativa e a sociedade em geral, para o papel fundamental que uma BE/CRE desempenha hoje em dia. Alguns Centros de Formação e instituições de Ensino Superior têm realizado acções de formação contínua ou cursos de pós-graduação para docentes e pessoal não docente na área da organização e dinamização de bibliotecas escolares. Professores, investigadores, pais têm vindo a desenvolver esforços no sentido de despertar os mais jovens, e não só, para a importância da leitura e da escrita na sociedade da informação e da comunicação em que vivemos.

2.1.2. O novo conceito de Biblioteca escolar

A mudança de paradigma da Sociedade Industrial para uma Sociedade da Informação e do Conhecimento gerou o chamado “efeito dominó”, dando luz a novas formas de organizar e gerir. O binómio capital/trabalho, paradigma da sociedade industrial, deu lugar ao binómio informação/conhecimento, sendo já inquestionável que na sociedade actual a informação é considerada o elemento básico do qual dependem os processos de decisão.

¹⁵ GABINETE da Rede de Bibliotecas Escolares (2008). *Modelo de Auto-Avaliação das Bibliotecas Escolares* Disponível em: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/np4/31.html> (acedido em Julho 2008)

¹⁶ Portaria 13 599/2006, de 28 de Junho - Disponível em http://www.ige.min-edu.pt/upload/GTAA/Desp_13599_2006.pdf (acedido em Fevereiro 2011)

¹⁷ Portaria 756/2009, de 14 de Junho - Disponível em <http://www.dgrhe.min-edu.pt/web/guest/institucional> (acedido em Junho 2009)

O crescimento exponencial da informação em múltiplos suportes e formatos, o desenvolvimento imparável das tecnologias da informação e da comunicação, os novos ambientes digitais de informação e de aprendizagem colocam novos desafios à escola e à biblioteca escolar. Os objectivos e funções da escola têm que, necessariamente, seguir o vento da mudança, já que os avanços tecnológicos permitem mudanças metodológicas que concebem o processo de ensino - aprendizagem assente na construção do próprio conhecimento e no desenvolvimento de competências, uma aprendizagem baseada na pesquisa, isto é, o aprender a aprender. Segundo Todd (2006), perante este aumento exponencial de informação com que a sociedade é diariamente confrontada, as escolas têm que se reinventar de forma a criar respostas para as novas questões que se colocam.

Questões de grande pertinência e actualidade que devem levar-nos a reflectir sobre o papel da escola e da biblioteca escolar como espaços de construção do conhecimento e desenvolvimento de competências conducentes a uma aprendizagem permanente, realizada ao longo da vida.

As exigências advindas das competências literácicas e tecnológicas, assim como a necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas, fizeram emergir um novo conceito de biblioteca escolar. De espaço organizado, disponibilizador de recursos para informação e lazer, a biblioteca escolar transformou-se num programa pedagógico dinâmico, integrado no currículo e estruturado na cooperação entre professores e professor bibliotecário.

Mais recentemente, R. Todd¹⁸ (2008) corrobora esta relação de proximidade e o papel insubstituível da biblioteca escolar no sucesso educativo dos alunos, considerando-a a pedra de toque do desenvolvimento das literacias essenciais à sociedade actual.

A biblioteca escolar, entendida como o verdadeiro centro de recursos educativos e espaço construtor do conhecimento, deverá orientar a sua actividade de forma a responder aos permanentes desafios que se colocam à escola actual. Este papel, simultaneamente estimulante e exigente, obriga a um trabalho de estreita colaboração entre toda a comunidade educativa, um planeamento e gestão eficazes, de modo a alcançar e disponibilizar um serviço de qualidade.

¹⁸ TODD, Ross (2008). *The Evidence – Based Manifesto for School Librarians*. *Schoollibrary Journal*. Disponível em: <http://www.schoollibraryjournal.com/article/CA6545434.html>, (acedido em Dezembro 2009).

Todos os estudos apontam para o papel insubstituível da biblioteca escolar e o impacto positivo que esta exerce no sucesso educativo dos alunos e na construção do seu conhecimento e espírito crítico. No entanto, não basta disponibilizar espaços e recursos de qualidade para que a biblioteca seja olhada como o verdadeiro centro pedagógico da escola. A eficácia da sua gestão constitui-se como uma mais-valia para o processo pedagógico e formação dos utilizadores, sejam eles alunos ou professores.

Neste contexto de mudança, potenciado pela explosão das novas tecnologias, a gestão da biblioteca escolar tem que ser perspectivada com sentido de futuro. Só dessa forma a biblioteca passará a ter um papel pró-activo e estratégico na escola, colocando-se ao serviço do cumprimento dos objectivos da mesma, os quais se centram na ligação ao currículo e às aprendizagens dos alunos.

Em suma, “*Saber gerir a mudança, é um dos desafios maiores para a biblioteca escolar.*”¹⁹ (Martins, 2008).

2.1.3.A gestão pedagógica da BE – O Professor Bibliotecário: Gestão da BE num contexto de mudança pedagógica

Mas o que se entende por gestão? Poderemos definir gestão como o processo que envolve a coordenação de actividades de várias pessoas, no seio de uma organização ou de um grupo, tendo por finalidade atingir objectivos predefinidos, num determinado período de tempo. A gestão faz parte de toda a actividade humana, em qualquer plano. A gestão desenrola-se com o fim de estabelecer uma ordem, um método e é regida por uma lógica. Mediante os processos e funções da gestão, procura-se tirar o máximo proveito dos recursos disponíveis com o objectivo de alcançar os máximos resultados.

A escola, como qualquer organização, sabe que tem de desenvolver a sua actividade num contexto de mudança permanente, em ambientes complexos e que, por isso, tem que planear e desenvolver estratégias no presente visando o futuro. Mudar a agenda para agendar a mudança é um desafio colectivo que tem que ser partilhado e co-responsabilizado.

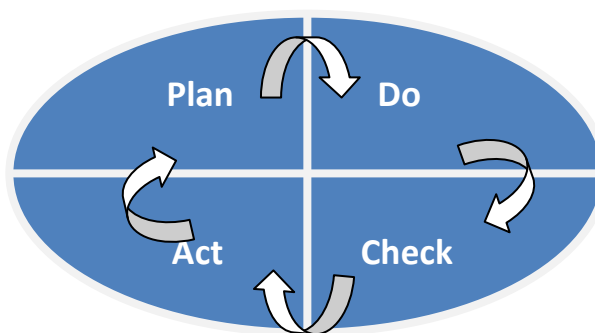
¹⁹ MARTINS,Rosa (2008). Textos de apoio unidade curricular. Disponíveis em: <http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/course/view.php?id=253> (acedido em Agosto 2009)

A biblioteca escolar, entendida como um verdadeiro centro de recursos, não pode ignorar a inevitabilidade da mudança, pois correria o risco de regressar a um passado próximo no eixo temporal, mas longínquo no que diz respeito às necessidades dos utilizadores da Sociedade do Conhecimento.

Lyn Hay, no artigo “*Student learning through Australian school libraries*” (2004-05), baseado noutro estudo realizado em 2003 por Todd, Kuhlthau e Olema, em bibliotecas escolares do Ohio, corrobora as conclusões de outros estudos que comprovam a correlação entre o sucesso escolar dos alunos e a biblioteca escolar liderada e gerida por profissionais competentes e qualificados. Um bom desempenho exige uma boa gestão, com estratégias adequadas ao contexto e que abracem a missão da escola que servem. Não basta fazer muito. Não basta fazer bem. É preciso fazer sempre melhor. Daqui nasce o conceito da gestão de qualidade.

A melhoria da qualidade é um desafio permanente que requer estratégias e metodologias adequadas. Deming deu um valioso contributo²⁰ para a gestão da qualidade, sintetizando de forma clara os quatro momentos a ter em conta no processo de qualidade, conhecido pelo “Ciclo de Deming”: **PLAN; DO; CHECK; ACT**.

Figura 2 – Ciclo de Deming



Adaptado de www2.ufp.pt/.../mscapgvasco05.pdf (acedido em Junho 2011)

Poderíamos sintetizar da seguinte maneira as etapas essenciais a cada momento:
1º PLAN (Planificar) – Pressupõe a análise da situação actual, a identificação dos problemas e previsão de um plano de acção. Este passo compreende a enunciação clara da política de qualidade da instituição (Escola/BE), a sua missão e os valores que a sustentam, tendo sempre em vista o sucesso dos alunos

²⁰ www2.ufp.pt/.../mscapgvasco05.pdf (acedido em Junho 2011)

2º DO (Executar) – Implementação do plano de acção, isto é, colocar na prática os objectivos planificados no que concerne ao desenvolvimento dos serviços e recursos que a instituição oferece.

3º CHECK (Verificar) – Momento de estudar a implementação do plano, verificando se está a produzir os resultados esperados. Podem ser usados dados quantitativos e qualitativos que permitam verificar o modo como se estão a cumprir os objectivos propostos e verificar se existe a necessidade de introdução de alterações.

4º ACT (Actuar) – Alterar o plano, se necessário, agora como prática da organização. Este deve ser discutido e comunicado de forma clara a todos os intervenientes, de forma a conseguir-se o envolvimento colectivo.

O “Ciclo de Deming” é uma metodologia de fácil execução que permite prevenir desvios e repetições de actos falhados que impediriam a melhoria da qualidade. É uma ferramenta utilizada para definir, implementar, melhorar um processo ou resolver um problema. Pode ser ajustado várias vezes até se alcançar o objectivo pretendido.

Outros modelos, tal como o Modelo Joseph Juran²¹, segundo o qual a gestão da qualidade obedece a três processos inter-relacionados:

1. Melhoria da qualidade.
2. Planeamento da qualidade.
3. Controlo da qualidade.

Independentemente da ferramenta ou modelo seleccionado, a gestão de qualidade na biblioteca escolar deve entender-se como um processo constante que exige uma atitude proactiva de todos os intervenientes e de toda a comunidade educativa, tendo sempre em vista a perspectiva do aluno e, como fim último mas essencial, a melhoria das aprendizagens. A implementação de um sistema de qualidade na biblioteca escolar permitirá:

- Melhorar o conhecimento acerca dos alunos, indo ao encontro dos seus interesses e necessidades, melhorando, também, a relação com os mesmos.
- Melhorar a qualidade dos serviços e recursos disponibilizados.
- Melhorar a qualidade da informação através da melhoria dos meios de comunicação.
- Melhorar a qualidade dos recursos humanos.

²¹ <http://gpacao.blogspot.com/2011/06/mestres-da-qualidade-joseph-juran.html> (acedido em Junho 2011)

- Reduzir custos e erros e, conseqüentemente, a insatisfação dos utilizadores.
- Favorecer o crescimento da biblioteca, facilitando a aquisição de recursos.
- Melhorar a imagem da biblioteca.

Implementar um sistema de gestão de qualidade é uma tarefa que vai sendo realizada gradualmente, uma vez que pressupõe romper com inércias e rotinas instaladas, exige um compromisso e envolvimento colectivos e, sobretudo, a implementação de metodologias inovadoras. A imagem que a biblioteca escolar projecta na escola e na comunidade educativa está intrinsecamente ligada ao desempenho da equipa e, fundamentalmente do coordenador / professor bibliotecário. Não poderá haver gestão de qualidade sem uma liderança forte, inspiradora de uma atitude pró-activa e reconhecida pelos órgãos decisores da escola. Por isso, foi criada a figura do Professor Bibliotecário.

Colocar a biblioteca escolar no centro da vida da escola pressupõe uma gestão dotada de poder de comunicação, bom relacionamento com os diferentes actores que compõem a comunidade educativa e uma efectiva adaptação à mudança, formando-se e informando-se para poder formar e informar, em suma, para poder promover e gerir a mudança.

O sucesso da biblioteca escolar assenta na qualidade dos serviços disponibilizados e na satisfação dos utilizadores que contemplará necessariamente a qualidade das aprendizagens. Actualmente, a gestão da biblioteca escolar está para além da gestão dos recursos tangíveis que, obviamente, estão também incluídos na prática de gestão. Porém, mais importante do que a gestão dos recursos tangíveis, como a colecção, espaço, instalações, é a gestão das pessoas, da informação e das situações de ensino-aprendizagem. Ao professor bibliotecário deixam de ser solicitadas apenas competências técnicas e de gestão que lhe permitam atender aos intermináveis pedidos de ajuda para usar os equipamentos e controlar a sua utilização. A sua acção é alargada à actividade pedagógica, com vista à integração da biblioteca escolar no processo de ensino aprendizagem.

A Portaria 756/2009, de 14 de Junho estabelece as funções que o professor bibliotecário deve desempenhar:

Artigo 3.º

1 - Ao professor bibliotecário cabe, com apoio da equipa da biblioteca escolar, a gestão da biblioteca da escola não agrupada ou do conjunto das bibliotecas das escolas do agrupamento.

2 - Sem prejuízo de outras tarefas a definir em regulamento interno, compete ao professor bibliotecário:

- a) Assegurar o serviço de biblioteca para todos os alunos do agrupamento ou da escola não agrupada;
- b) Promover a articulação das actividades da biblioteca com os objectivos do projecto educativo, do projecto curricular de agrupamento/escola e dos projectos curriculares de turma;
- c) Assegurar a gestão dos recursos humanos afectos à(s) biblioteca(s);
- d) Garantir a organização do espaço e assegurar a gestão funcional e pedagógica dos recursos materiais afectos à biblioteca;
- e) Definir e operacionalizar uma política de gestão dos recursos de informação, promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos;
- f) Apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada;
- g) Apoiar actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular incluídas no plano de actividades ou projecto educativo do agrupamento ou da escola não agrupada;
- h) Estabelecer redes de trabalho cooperativo, desenvolvendo projectos de parceria com entidades locais;
- i) Implementar processos de avaliação dos serviços e elaborar um relatório anual de auto-avaliação a remeter ao Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares (GRBE);
- j) Representar a biblioteca escolar no conselho pedagógico, nos termos do Regulamento Interno.”

Estudos feitos em diversos países, nomeadamente, nos EUA e no Reino Unido, indicam que, quando os professores bibliotecários têm formação específica, os alunos atingem níveis de desempenho mais elevados de literacia e de aprendizagem. Por essa razão, a formação dos professores bibliotecários é essencial ao papel de coordenação desempenhado e reflectir-se-á na dinâmica das bibliotecas escolares. Assente nestes pressupostos, a referida Portaria prevê que o professor bibliotecário deverá conhecer e interpretar o currículo e os objectivos e estratégias implicados no seu desenvolvimento e

saber conjugar sinergias e vontades, trabalhando articuladamente com os órgãos de gestão da escola e com os professores, acompanhando os percursos formativos e curriculares dos alunos, sendo um dos pilares de uma biblioteca de qualidade.

Na realidade, muitos desafios se colocam ao professor bibliotecário neste contexto de mudança que obrigam à reavaliação do seu papel e das suas responsabilidades habituais. No entanto, é já inquestionável que o verdadeiro professor bibliotecário é aquele que exerce uma liderança assertiva, que tem uma visão estratégica para a biblioteca que coordena, que é um comunicador efectivo e um gestor eficaz de recursos e de pessoas. A gestão desenrola-se com fins previamente estabelecidos e partilhados pela Comunidade Educativa. Mediante os processos e funções da gestão, deve procurar tirar o máximo proveito dos recursos disponíveis com o objectivo de alcançar os máximos resultados. Foi o que tentámos fazer, com a experiência obtida como Professora Bibliotecária na BE- Pólo2 de Macedo de Cavaleiros, ao cumprir a PES para a realização deste curso de Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico.

Como professora bibliotecária, procurámos pôr em prática e mostrar a toda a escola o papel fundamental da biblioteca escolar, provando que os benefícios ultrapassam os custos e as exigências de uso de novas metodologias.

2.2. A BE e o desenvolvimento das novas literacias

2.2.1. O conceito de literacia, nos diferentes domínios do conhecimento, e a actualização do fundo da BE.

Embora nem todas as bibliotecas escolares se encontrem no mesmo patamar de desenvolvimento, existe um consenso cada vez maior acerca da sua importância como um centro pluridisciplinar de actividades e serviços pedagógicos de suporte a todas as actividades inerentes ao processo de ensino aprendizagem, cuja articulação em rede com outras bibliotecas, públicas e/ou escolares, acrescenta uma mais-valia e se traduz num maior impacto em todo o processo. O Relatório “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares” (Veiga: 15) explicita:

“As bibliotecas escolares são recursos básicos do sistema educativo, sendo-lhes reconhecido um papel central nos domínios da leitura e da literacia, da aquisição de competências de informação e do aprofundamento da cultura, em geral.”

A mudança nas bibliotecas escolares começou, na maior parte dos casos, com uma necessidade sentida de desenvolver aspectos relacionados com a leitura literária e animação leitora, aspectos de grande relevância no desenvolvimento pessoal, afectivo e cognitivo do aluno, uma vez que a leitura literária enriquece a inteligência emocional e nos dá perspectivas mais amplas que nos ajudam a crescer como pessoas. Quase arriscaríamos apelidá-las, então, de “bibliotecas literárias”.

Continuando esse processo de mudança, que não teve o mesmo ritmo em todas as bibliotecas e, sem renunciar à formação literária que orientava as actividades desenvolvidas nesses espaços, trata-se, agora, de integrar naturalmente a biblioteca escolar na vida quotidiana da escola, promovendo mudanças organizativas e mentais conducentes à consolidação do processo de ensino aprendizagem, colocando uma tônica especial no papel activo do aluno como autor e participante do seu próprio processo de aprendizagem. Assim, o objectivo último da biblioteca é o de contribuir para a

qualidade do ensino e melhoria da aprendizagem, mas este é também o objectivo mais difícil de alcançar pela diversidade de factores e intervenientes que envolve.

O conceito de “literacia da informação” constitui o modo mais inclusivo de evidenciar o papel das bibliotecas escolares na aprendizagem e no currículo e, nos nossos dias, não está apenas associado às competências de leitura e escrita. Muitos autores, em virtude da emergência e expansão de outros *media*, usam o conceito no plural, referindo-se a literacia audiovisual, literacia informática, entre outras, sublinhando a extensão do conhecimento da leitura e da escrita às reais capacidades de utilizar estas competências, sendo que a literacia não se limita a saber ler e escrever um texto em particular mas aplicar este conhecimento para finalidades específicas em contextos de usos específicos. A literacia tem profundas implicações individuais, sociais e económicas. Níveis de literacia elevados são hoje associados à empregabilidade e à cidadania.

Nesse sentido, a escola não pode ignorar esta alteração de paradigma que cria e exige novas formas de ler. E a biblioteca escolar tem que ser a promotora de novos hábitos de aprendizagem, a estrutura disponibilizadora de equipamentos e meios que facultam novas experiências de leitura e novas literacias, na sociedade do conhecimento. Os alunos que possuem competências literácicas reconhecem que o conhecimento é fulcral para ultrapassar os desafios do quotidiano e é um factor imprescindível da mobilidade social. Assim, há que assegurar as competências tecnológicas dos jovens tornando-os críticos na pesquisa, selecção e avaliação da informação. É função da escola e da biblioteca escolar assegurar uma formação para todos, num trabalho colaborativo com outras bibliotecas, escolares e públicas, promovendo a alfabetização informacional na era fortemente dominada pela tecnologias da informação e da Internet. Esta alfabetização informacional, conceito de origem anglo saxónica, define as competências necessárias ao tratamento da informação: procura, selecção, processamento e comunicação para poder ser transformada em conhecimento, pois a informação, por si só, não é valorativa, o valor advém da sua transformação em conhecimento. A noção de “Literacia da Informação” reivindica os saberes de localizar, seleccionar, criticar e utilizar a informação como necessidades básicas na sociedade actual, tal como representava a capacidade de saber ler e escrever na sociedade industrial.

Nesse sentido, torna-se urgente que as bibliotecas levem a cabo acções de “formação de utilizadores” nas diversas vertentes, apoiando os alunos no processo da

sua auto aprendizagem, valorizando o “aprender a aprender” que lhes dará a capacidade necessária à aprendizagem ao longo da vida, sustentada por quatro aprendizagens fundamentais, que se interligam e que constituem para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: “*aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver em comum, aprender a ser.*” O Livro Verde para a Sociedade de Informação exprime de forma clara estes princípios e obrigações da escola.

A Sociedade da Informação exige uma contínua consolidação e actualização dos conhecimentos dos cidadãos. O conceito de educação ao longo da vida deve ser encarado como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes, aptidões e da sua capacidade de discernir e agir. A escola desempenha um papel fundamental em todo o processo de formação de cidadãos aptos para a sociedade da informação e deverá ser um dos principais focos de intervenção para se garantir um caminho seguro e sólido para o futuro.²² (1997: 43)

Tendo em conta a quantidade de informação que circula actualmente nas redes digitais, ser capaz de se orientar nesses percursos tornou-se um pré-requisito do próprio saber. Assim, na era da tecnologia, a biblioteca escolar terá que acompanhar essa evolução e ocupar o centro da rede, partindo do seu núcleo central para todos os espaços da escola e, indo mais além, entrando na casa de cada um. Para tal, têm que se conceber programas de formação específicos no uso da informação, introduzindo de maneira progressiva, e em etapas e níveis diferentes, as destrezas e conhecimentos dos recursos que se exigem. Assim, parece-nos claro e inquestionável que estes programas devem ser da responsabilidade do professor bibliotecário que deverá desenvolvê-los em articulação com os outros professores da escola a fim de se estabelecer uma relação mais estreita com o currículo. Para tal, não poderão ter um carácter pontual, mas deverão ser desenvolvidos de forma sistemática, ao longo dos anos, numa estratégia concertada com todos os professores. É necessário que a biblioteca escolar adopte um modelo de literacia de informação dos vários já desenvolvidos e já muito utilizados noutros países e, cada vez com mais frequência, em bibliotecas portuguesas, de acordo com o perfil dos alunos e dos seus utilizadores. Embora partindo de questões aparentemente diversas, todos os modelos de pesquisa incorporam as actividades básicas de: “*identificação; acesso; avaliação e uso da informação*”. Apenas se diferenciam nas actividades de pré e pós-pesquisa. Torna-se importante realçar que a formação sobre as fontes de informação não deve restringir-se aos documentos impressos, terá que contemplar todos os suportes e, muito especialmente, os recursos em linha. A educação

²² Livro verde para a sociedade da informação (1997) Lisboa. MSI (Missão para a Sociedade de Informação) e Ministério da Ciência e da Tecnologia: p.43

do uso da Internet é da responsabilidade de todos, mas não podemos ignorar que no nosso país existe um elevado número de analfabetos funcionais que não poderão, obviamente, orientar os seus filhos no uso das novas tecnologias.

No entanto, as bibliotecas escolares, em articulação com as bibliotecas de leitura pública, poderão trabalhar em conjunto, disponibilizando ajuda e formação aos pais para poderem orientar e apoiar os seus filhos. Será, dessa forma, assegurada uma formação para todos, independentemente do estrato social, cumprindo a missão para que bibliotecas públicas e escolares foram criadas: promoção da igualdade da educação e da cultura para todos. Outro aspecto importante que a escola não pode esquecer e a biblioteca, muito particularmente, são os alunos com necessidades educativas especiais e aqueles que pertencem a minorias étnicas, respeitando as suas especificidades e diferenças e disponibilizando recursos que vão ao encontro das suas necessidades mas também dos seus interesses pessoais, cumprindo, dessa forma, as directrizes da IFLA/UNESCO para as bibliotecas escolares:

“A biblioteca escolar deve cobrir um amplo leque de actividades e desempenhar um papel principal no cumprimento da missão e visão da escola. Deve ambicionar servir todos os utilizadores potenciais dentro da comunidade escolar e ir ao encontro de necessidades particulares dos diferentes grupos alvo.”
(2000:16)²³

²³ **Directrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**

http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf

(acedido em Julho 2009)

2.2.2. Quadro – síntese do fundo disponível na BE: possibilidades e limitações

A Biblioteca Escolar da Escola EB/S de Macedo de Cavaleiros – Pólo 2 foi integrada na RBE em 2003, encontra-se localizada no 2º piso do Bloco principal, ocupa uma área de 197m² (área nuclear – 145m²; auditório e arrecadação – 52 m²) e está organizada em diferentes áreas funcionais de acordo com os princípios estabelecidos pelo programa RBE. Funciona em horário contínuo das 8h30m às 17h45m, cobrindo todo o tempo de duração das actividades lectivas e de permanência dos alunos na escola.

Zonas funcionais, equipamentos e lotação

Tabela 1 – Zonas Funcionais, equipamentos e lotação

Zonas	Equipamentos	N.º de lugares sentados
Recepção e Acolhimento	Computador com ligação à Internet, impressora e scanner	2
Leitura informal e de periódicos/zona áudio	2 aparelhagens áudio (4 postos)	12
Leitura de documentos impressos	-	16
Trabalho de grupo	-	12
Expressão plástica	-	4
Leitura vídeo	2 televisores, 2 leitores de DVD/VHS (4 postos)	4
Leitura e produção multimédia	10 computadores com ligação à Internet	10
Auditório	Computador com ligação à Internet, projector multimédia, quadro de cerâmica	24
Arrecadação/gabinete de trabalho	2 computadores com ligação à Internet e impressora (tratamento documental)	2
Outros	Máquina fotográfica digital	-

A colecção

A colecção da Biblioteca foi constituída até ao término do ano lectivo 2009/2010 de modo a servir essencialmente as necessidades dos utilizadores do 1º e 2º CEB. Após a fusão da Escola EB2, 3 com a Escola Secundária, este pólo manteve apenas os alunos do 1º CEB (3º e 4º anos) e do 2º CEB. A gestão das verbas disponíveis tem procurado, desde então, dar resposta a esta nova realidade procurando colmatar as lacunas existentes e satisfazer as necessidades dos utilizadores do 1º e 2º CEB.

Tabela 2 – A Colecção

Classes CDU	Material Livro	Publicações Periódicas	Tipo de Suporte					Total
			Material Não Livro					
			CD/DVD ROM	CD Áudio	DVD	VHS	Outros ²⁴	
0	327	9	28	-	1	7	-	372
1	127	-	1	-	-	-	-	128
2	30	-	1	-	1	2	-	34
3	915	1	57	-	6	16	271	1247
5	291	-	47	-	5	12	16	371
6	141	-	15	-	3	12	1	172
7	378	1	10	154	65	70	21	699
8	2869	1	52	4	2	4	3	2935
9	331	-	50	6	38	52	93	570
Total	5390	12	261	164	121	175	405	6528
			1126					

CDU Subclasse 82-93	Material Livro	Material não livro ²⁵	Total
	2262	6	2268

²⁴ Jogos, fantoches, cartazes, mapas, disquetes, cassetes, conjuntos de diapositivos e de acetatos.

²⁵ Material acompanhante (CD-áudio) de livros da subclasse em análise.

Análise da Colecção

- **Exame directo da colecção**

A colecção tem um bom nível de adequação ao currículo/PNL/aLer+, as obras são pertinentes, foi efectuado o levantamento do número de documentos existentes na subclasse que constam das listas das obras recomendadas pelo PNL, leitura orientada, leitura autónoma e apoio a projectos incluídos na subclasse (1º e 2º CEB), por nível de educação/ensino e grau de dificuldade, as aquisições de material livro para dar cumprimento ao Plano Nacional de Leitura têm sido em maior número do que as de material não livro, o que desequilibra a colecção quanto aos suportes, isto devido ao apoio financeiro que o Plano Nacional de Leitura atribui à escola anualmente. A selecção dos fundos documentais tem em conta necessidades identificadas junto dos departamentos e outros utilizadores, de acordo com os critérios definidos na Política Documental do Agrupamento. As sugestões de aquisições avançadas pelos departamentos são escassas. Por isso, a proposta de aquisições é pouco frequente e não contribui na real valorização da colecção existente. Existe uma boa articulação com os departamentos do Pré-Escolar e 1º CEB e com a Área disciplinar de Língua Portuguesa do 2º CEB na selecção das obras a adquirir no âmbito do PNL. Os recursos documentais são anualmente actualizados, respondendo globalmente às necessidades manifestadas pelos utilizadores. Podemos dizer que a colecção é variada e adequada aos utilizadores; a quase totalidade apresenta qualidade literária: quanto à qualidade das ilustrações/gráfica, uma parte apresenta uma boa qualidade, outra é considerada apenas razoável; o estado de conservação é razoável.

O fundo disponível é adequado à faixa etária, à curiosidade intelectual e aos interesses dos alunos. Os recursos de informação respondem às necessidades do currículo, do Projecto Educativo de Escola e dos projectos curriculares da escola/agrupamento.

O empréstimo domiciliário é implementado e os recursos de informação são suficientes para as necessidades da escola/ agrupamento. Alguns professores recorrem à documentação para a sua actividade docente e incentivam o uso da documentação, apresentando propostas de trabalho conducentes ao seu uso.

A equipa produz instrumentos de apoio ao uso da informação e desenvolve competências de investigação junto dos utilizadores. Existe uma rede partilhada de documentação entre as várias bibliotecas/escolas no agrupamento, com outras bibliotecas a nível local e com a Biblioteca Municipal.

As novas aquisições são expostas na BE e divulgadas por e-mail aos professores, na página da BE e no blog.

Não é atribuído um orçamento anual à BE; no entanto, os lucros das papelarias da Escola sede do Agrupamento revertem inteiramente para a actualização da colecção e são geridas na sua totalidade pelas BE do Agrupamento. O Director assegura todas as verbas necessárias ao funcionamento da BE e à actualização da colecção dentro das possibilidades orçamentais do agrupamento.

2.2.3. Questionário dirigido aos alunos: tratamento e análise crítica dos dados obtidos.

Questionário

De forma geral este questionário pretende avaliar a contribuição da BE na vida escolar e simultaneamente a influência na vida e aproveitamento escolar dos estudantes que a frequentam.

O questionário aplicado²⁶ foi produzido pela RBE, para ser aplicado de forma geral no universo de todas as bibliotecas escolares que pertencem à rede e foi constituído para se tornar um instrumento pedagógico essencial. Apesar da universalidade da sua aplicação, o modelo permite avaliar a variabilidade imposta pelo contexto em que cada BE se insere.

Assim, o questionário utilizado para este fim é constituído por dezasseis questões. As primeiras de caracterização individual dos alunos (género e ano de escolaridade) e as restantes relacionadas com a BE; nomeadamente, frequência com que vai à Biblioteca Escolar, com quem e quando vai, requisição de livros e quando o faz, sugestões por parte da equipa da BE, participação e avaliação das actividades da BE e opinião sobre o trabalho desenvolvido pela BE.

No final existem questões relativas às competências de leitura, onde é solicitada a comparação entre o trabalho realizado no início do ano lectivo com o realizado actualmente e a indicação de qual a contribuição da BE na evolução das competências de leitura e resultados escolares.

²⁶ Anexo 2 – Questionário Aplicado

Caracterização da amostra

Conforme consta nos gráficos 2 e 3, a amostra é constituída por vinte indivíduos do sexo feminino e treze do masculino o que perfaz um total de trinta e três indivíduos, estando distribuídos por três anos de escolaridade, seis do 4.º, doze do 5.º e quinze do 6.º ano de escolaridade.

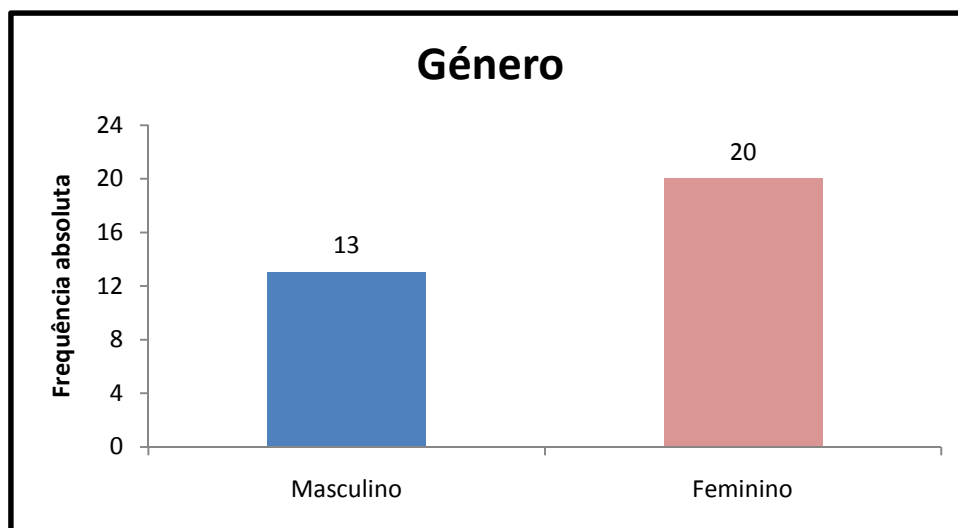


Gráfico 2 - Distribuição da amostra de acordo com o gênero

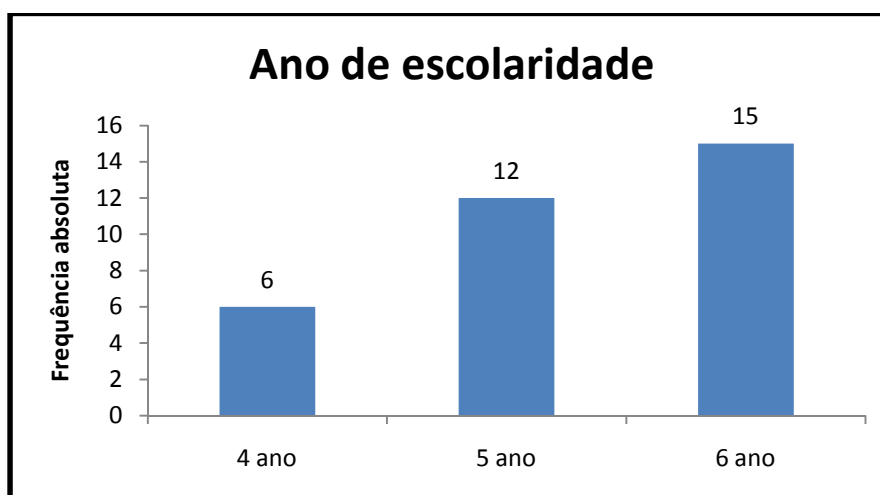


Gráfico 3 - Distribuição da amostra de acordo com o ano de escolaridade

Resultados do questionário

Frequência da Biblioteca

Vinte e três alunos, (69,7%), deslocam-se à biblioteca uma ou duas vezes por semana, oito alunos, (24%), todos os dias e os restantes uma ou duas vezes por mês ou período (ver Gráfico 4).

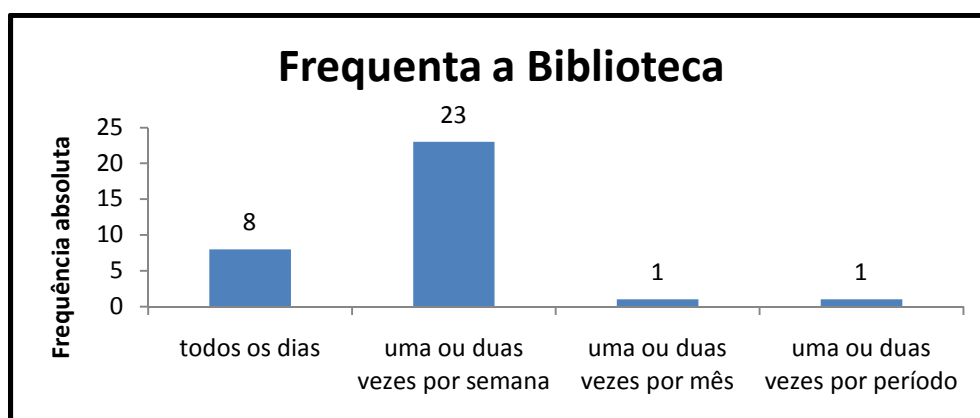


Gráfico 4 - Frequência da Biblioteca

Utilização da Biblioteca

Quanto às três situações em que os alunos mais utilizam a BE, obtiveram-se várias combinações de respostas, destacando-se as seguintes: Treze alunos, (39%), responderam que vão sozinhos ou com colegas, em actividades da BE e nos intervalos; oito alunos, (24%), indicaram ir sozinhos ou com colegas, com um professor e nos intervalos e cinco alunos, (15%), indicaram ir sozinhos ou com colegas, depois das aulas e nos intervalos.

De notar ainda que dois alunos se deslocam sozinhos ou com colegas, nos intervalos e noutra situação, que mencionaram ser, “quando um professor falta e não há aula de substituição”. Estes resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 - Situações em que mais utiliza a BE

	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sozinho ou com colegas, com um professor, actividades organizadas pela BE	1	3
Sozinho ou com colegas, com um professor ou depois das aulas	1	3
Sozinho ou com colegas, com um professor e nos intervalos	8	24,2
Sozinho ou com colegas, actividades da BE e depois das aulas	1	3
Sozinho ou com colegas, actividades da BE e nos intervalos	13	39,4
Sozinho ou com colegas, depois das aulas e nos intervalos	5	15,2
Sozinho ou com colegas, depois das aulas e nas férias	1	3
Actividades da BE, depois das aulas e nos intervalos	1	3
Sozinho ou com colegas, nos intervalos e outra situação	2	6,1

Requisição de livros

Relativamente à requisição de livros, catorze alunos, (42%), responderam que requisitam livros uma ou duas vezes por semana, oito alunos, (24%), requisitam livros uma ou duas vezes por mês, dois alunos requisitam livros uma ou duas vezes por período e nove alunos disseram que muito raramente ou nunca requisitam livros porque têm em casa os livros que gostam (ver Gráfico 5).

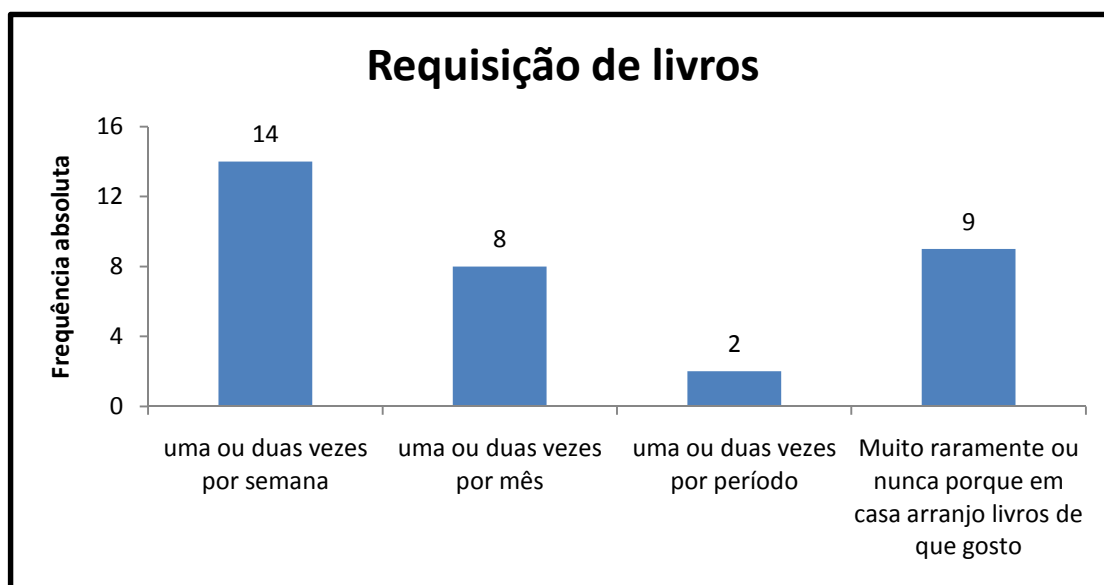


Gráfico 5 - Requisição de livros na BE

A maioria dos alunos que requisita livros fá-lo durante o período de aulas. Dos restantes, cinco dizem requisitá-los nas férias do Natal e da Páscoa e um nas férias de verão. (Ver Gráfico 6)

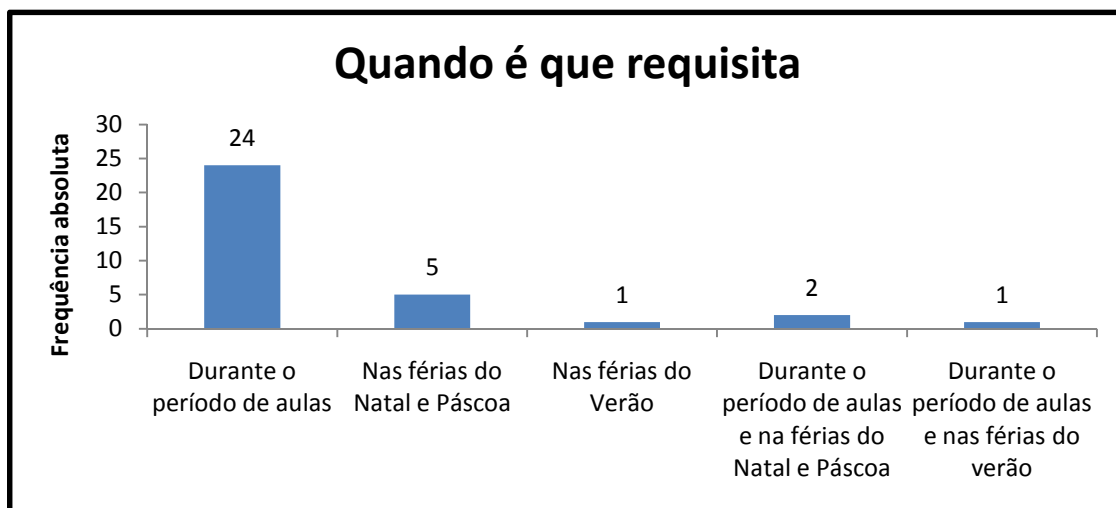


Gráfico 6 - Requisita livros

Incentivos e apoios à leitura

Quanto ao apoio e sugestões efectuadas pela equipa da BE quando os alunos requisitam livros os se deslocam para ler livros, catorze referem que essas sugestões são feitas muitas vezes, dezasseis que são feitas algumas vezes e três referem que a equipa nunca faz sugestões.

Dezoito alunos respondem encontrar muitas vezes o que procuram enquanto para quinze isso só acontece algumas vezes.

A grande maioria dos inquiridos (76%) referem que os seus professores os incentivam muitas vezes a ler, os restantes respondem que são incentivados pelos professores para a leitura algumas vezes.

Vinte e sete alunos dizem que participam algumas vezes nas actividades de leitura organizadas pela BE, quatro participam muitas vezes e dois nunca participam. Todos estes resultados são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 - Distribuição da amostra de acordo com: sugestões da equipa da BE, a BE tem o que procura, os professores incentivam-te a ler, participação em actividades de leitura na BE

	Muitas vezes	Algumas vezes	Nunca
Quando vais à BE para ler ou requisitar um livros, a equipa da BE dá-te sugestões e apoia-te, se pedires?	14	16	3
Quando procuras livros para ler ou para fazer trabalhos, encontras o que procuras?	18	15	0
Os professores incentivam-te a ler?	25	8	0
Costumas participar em actividades de leitura na BE acompanhado do teu professor e dos teus colegas	4	27	2

Competências de leitura

À pergunta relativa às suas competências de leitura, (Gráfico 7), dezassete alunos responderam considerá-las boas, onze consideram-nas muito boas e cinco alunos dizem-nas médias.



Gráfico 7 - Classificação das suas competências de leitura

Trabalho realizado pela Biblioteca

Conforme se verifica na Tabela 5, relativa ao trabalho realizado pela BE, é de realçar que a grande maioria das respostas, (acima de 70%), é afirmativa nos vários itens, sendo a motivação de 30 alunos para ler mais e a ajuda do mesmo número de alunos a conhecer escritores e pessoas ligadas aos livros as que apresentam maior percentagem na ordem dos 90%.

De destacar que dois alunos apresentaram outro motivo, dizendo um que a biblioteca “ajuda a trabalhar melhor” e outro que a biblioteca ajuda a “melhorar os conhecimentos”.

Tabela 5 - Trabalho realizado pela BE

	Sim	Não
Motiva-me para ler mais	30	3
Ajuda-me a encontrar livros interessantes	27	6
Tem actividades que me fazem gostar mais de ler	27	6
Informa-me sobre livros e outras publicações ou acerca de outras novidades ou actividades relacionadas com livros	27	6
Oferece formas de exprimir as minhas opiniões	24	9
Ajuda-me a conhecer escritores e pessoas ligadas aos livros	30	3

Actividades da Biblioteca

Relativamente à classificação das actividades realizadas pela BE, (Tabela 6), a grande maioria das respostas são nas categorias “muito interessante” e “interessante”.

A celebração de datas significativas, sessões de leitura, apresentação/debate, exposições e actividades e ainda participação em projectos de leitura, têm respostas de “muito interessante”.

A divulgação do escritor do mês e guiões de leitura recebem o maior número de respostas na categoria “interessante”, sendo a divulgação do escritor do mês “pouco interessante” para cinco (15%) alunos.

Ao pedido de indicação de outra actividade que gostassem, apenas oito responderam, tendo mencionado diversas actividades tais como: ateliê, aula com berlindes, uso do computador, dia do livro, exposição de livros científicos, feitiços e desempenhar o papel de monitora.

Tabela 6 - Classificação das actividades realizadas pela BE

	MI	I	PI	Não conheço
Divulgação do escritor do mês	11	17	5	0
Guiões de leitura	12	19	1	1
Exposições/actividades	19	14	0	0
Celebração de datas significativas	24	8	1	0
Participação em projectos de leitura	18	15	0	0
Sessões de leitura, apresentação/debate	19	13	1	0

No que concerne à participação nas actividades desenvolvidas pela BE, as mais participadas pelos alunos são as sessões de leitura, de reconto na BE e os projectos de leitura, em que a grande maioria dos inquiridos já participou.

Nas restantes actividades constantes na pergunta, Jornal da BE/*Newsletter*, Blogue/fórum de discussão, Concursos de leitura e Clubes de leitura apenas afirmam ter participado respectivamente, dez, nove, nove e doze alunos. Estes resultados são apresentados na Tabela 7.

Tabela 7 - Actividades em que já participou

	Sim	Não
Sessões de leitura, de reconto na BE	21	12
Projectos de leitura	24	9
Jornal da BE/ <i>Newsletter</i>	10	23
Blogue/fórum de discussão	9	24
Concursos de leitura	9	24
Clubes de leitura	12	21

Quanto a outras actividades em que tenham participado e que não constam na pergunta, obtiveram-se seis respostas, a saber: ateliê (1), estudar (1), ver filmes (2), jogar computador (2).

Comparação de competências

Ao pedido de comparação entre o que fazem actualmente com o que faziam no início do ano, (Tabela 8), a grande maioria das respostas aos vários itens são afirmativas, isto é, na globalidade os alunos melhoraram o seu desempenho na leitura lendo mais livros, lendo mais depressa, lendo livros com mais texto e textos longos, aperfeiçoaram as suas pesquisas de internet, adquiriram o gosto da escrita e discussão oral sobre livros ou outros assuntos e preferências de leitura e melhoraram os seus resultados escolares, porque lêem melhor.

Tabela 8 - Comparação entre o início do ano e agora

	Sim	Não
Agora leio mais livros	25	8
Agora leio mais depressa	28	5
Agora leio livros com mais texto e textos mais longos	30	3
Agora leio qualquer tipo de texto e compreendo melhor o que leio	32	1
Agora perco-me menos, quando procuro informação na internet	31	2
Agora gosto mais de falar e de escrever sobre livros ou sobre outros assuntos	28	5
Agora estou mais à vontade para discutir/dialogar sobre preferências de leitura ou outros assuntos	28	5
Agora tenho melhores resultados escolares, porque estou mais à vontade na leitura	32	1

Na pergunta final dezassete alunos afirmam que a BE contribuiu para melhorar as suas competências de leitura e resultados escolares, catorze alunos entendem que contribuiu medianamente e dois alunos pensam que contribuiu pouco (ver Gráfico 8).

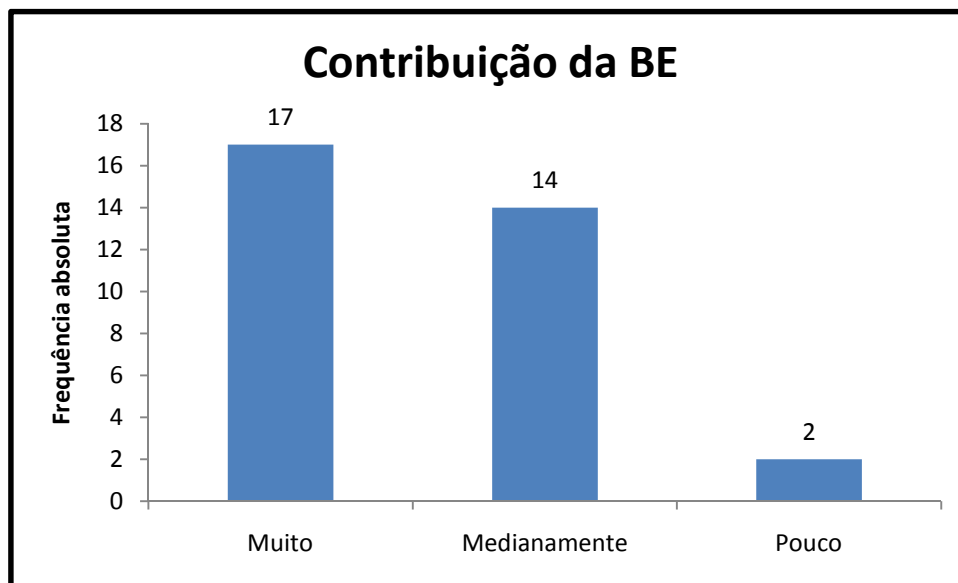


Gráfico 8 - Contribuição da BE nas competências de leitura e nos resultados escolares

Conclusão

Tendo em conta o universo, que serviu de base a este questionário, foi seleccionada a amostra aleatória constituída por 33 indivíduos, ou seja, os alunos pertencentes às turmas em fizemos a PES. Os principais resultados obtidos através do questionário de avaliação foram os seguintes:

- Todos os alunos da amostra frequentam a BE, a maioria deles uma a duas vezes por semana.
- Vão sozinhos ou com colegas, em actividades da BE ou nos intervalos.
- Requisitam livros regularmente, uma ou duas vezes por semana, principalmente durante o período de aulas.
- A maioria dos alunos refere que recebe apoio e sugestões da equipa da BE quando ali se dirige.
- Na maioria das situações encontram o que procuram, e são incentivados a ler pelos seus professores.

- Entendem que as suas competências de leitura são boas ou muito boas.
- A maioria está satisfeita com o trabalho desenvolvido pela BE, principalmente no que toca à motivação para ler mais e ajudar a conhecer escritores e pessoas ligadas aos livros.
- As actividades desenvolvidas pelas BE foram avaliadas de muito interessantes ou interessantes.
- O trabalho desenvolvido ao longo do ano pela BE é reconhecido pelos alunos como tendo influenciado positivamente as suas capacidades de leitura e por consequência o seu aproveitamento escolar e a sua vida.

Conclui-se deste estudo que a contribuição da BE na vida escolar é muito positiva, assim como, através das suas actividades e disponibilização de meios, influencia positivamente a vida e aproveitamento escolar dos estudantes que a frequentam.

2.2.4. Previsão de metodologias e de actividades de aprendizagem em função dos recursos da BE:

Em Portugal, o alargamento da escolaridade obrigatória e a desejável democratização do ensino, sob o signo “Educação para todos”, tornou necessário passar do paradigma da homogeneização para o paradigma da diferenciação sistemática. O professor deve direccionar a sua atenção para o quadro cognitivo em que cada aluno se encontra, promovendo estratégias de aprendizagem adequadas, de modo a criar situações que permitam partilhar o que cada um tem e partir do que cada aluno sabe. Um dos grandes desafios que se apresenta à educação é o de conciliar o uso das tecnologias com a dimensão humana.

Foi nesta perspectiva que procurámos elaborar os planos das aulas exigidas pela PES, tendo em conta as características dos alunos e os seus interesses. Previam-se um conjunto de actividades que pudessem fomentar o gosto pela Biblioteca Escolar e pelas actividades aí desenvolvidas; leitura de um livro, navegação na Internet, visionamento de um DVD de um filme pertinente para o assunto a ser tratado na aula, um jogo de computador.

Pretendemos inculcar nos alunos (e professores) a noção de que a biblioteca é um lugar onde os alunos podem procurar e devem utilizar materiais e equipamentos de grande actualidade para tomar contacto com novos materiais, novas informações, imagens do mundo que muito podem contribuir para o desenvolvimento do seu conhecimento em diversos domínios curriculares.

- Domínio da Língua Portuguesa
- Domínio da Matemática
- Domínio das Ciências da Natureza
- Domínio da História e Geografia de Portugal
- Valorização da dimensão humana

Pretendemos, com esta dinâmica na Biblioteca Escolar, que os alunos descobrissem o prazer de aprender a mexer, a lidar, a ler e a procurar informação variada que lhes permita conhecer a comunidade, em que vivem para nela intervir. Para o que contribuíssem actividades diferenciadas e activas, das quais se podem destacar:

- i) Actividade de expressão livre individual – oral, escrita, de modo a instituir rituais de convivência democrática em que o uso e expressão através da palavra é essencial e constitui o ponto de partida das aprendizagens;
- ii) Actividades de expressão plástica sugeridas por situações vividas.
- iii) Diversificação das actividades, de forma a proporcionar diferentes modalidades de trabalho (individual, a dois, em pequeno grupo, em colectivo); ao mesmo tempo, desenvolver o trabalho colaborativo entre os alunos, facilitador da boa convivência e do respeito pelas diferenças de cada um.

Assim, a Biblioteca Escolar possa funcionar como o motor essencial dentro da comunidade educativa capaz de estimular nos alunos hábitos de leitura e também promover o acesso à informação em outros suportes.

Capítulo III

A Prática de Ensino Supervisionada e os Recursos da Biblioteca Escolar

Capítulo III

3. A Prática de Ensino Supervisionado e os Recursos da Biblioteca Escolar

3.1. Âmbito da PES realizada – níveis e áreas de conhecimento

A Prática Pedagógica, de acordo com o definido no plano de estudos do Mestrado do 1º e 2º ciclo do ensino básico, nomeadamente, na área de Ciências da Natureza e Matemática que foi desenvolvida com a turma do 5ºB, composta por 23 alunos, 12 do sexo feminino e 11 do sexo masculino. A média de idades era de 10 anos.

Os alunos são oriundos quase na sua totalidade do meio urbano (Macedo de Cavaleiros) e são provenientes de famílias onde predominam um ou dois filhos por agregado familiar. Todos os alunos se encontravam a frequentar o 5º ano de escolaridade pela primeira vez, e todos tinham boas expectativas em termos académicos.

Com a turma do 6ºA, leccionei Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal, esta turma era constituída por 20 alunos, 9 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos. Assim como a turma anterior os alunos são oriundos do meio urbano. Todos os alunos frequentavam, pela primeira vez o 6º ano.

Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e Expressões foram desenvolvidas com a turma do 4ºE com 22 alunos, 12 do sexo masculino e 10 do sexo feminino com idades compreendidas entre os 9 e 10 anos. Os alunos são oriundos do meio rural. Era uma turma heterogénea em termos socioeconómicos. Existiam alunos provenientes de famílias com grandes dificuldades financeiras.

Com estes alunos ao longo da Prática Pedagógica percebi que uma aula não se pode cristalizar num documento, numa planificação, porque eles são portadores da sua cultura, das suas vivências, dos seus interesses, daí a grande aventura a que podemos ser conduzidos numa aula, desafiando todas as planificações partindo entusiasticamente ao encontro de uma descoberta quantas vezes maior e quantas vezes impensável.

3.2. Planificação das unidades de aprendizagem previstas

<p>propriedades dos materiais.</p> <p>-Reconhecim. da importância da ciência e da tecnologia na observação de fenómenos.</p> <p>- Compreensão global dos números e das operações e a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos e desenvolver estratégias úteis de manipulação dos números e das operações.</p> <p>- Compreensão do sistema de numeração de posição e do modo como estes se relacionam.</p> <p>- Participação activa no processo de produção artística.</p>	<p>Os materiais e os estados da matéria</p> <p>Os materiais e as mudanças de estado.</p> <p>- Relacionar o metro, o decímetro, o centímetro e o milímetro.</p> <p>- Estratégias diferentes para efectuar cálculos.</p>	<p>Monet " Nenúfares".</p> <p>- Motivar os alunos para a actividade experimental colocando-lhes questões sobre o Ciclo da Água.</p> <p>- Diálogo com as crianças sobre as actividades a desenvolver.</p> <p>- Organização da turma em grupos de trabalho.</p> <p>- Apresentação do material.</p> <p>- Explicitação dos guiões.</p> <p>- Determinação das concepções alternativas pelo método: prevê, observa e reflecte.</p> <p>- Realização das experiências, seguindo os guiões com os respectivos registos.</p> <p>- Supervisão da acção e orientação assistida (registo das observações efectuadas e conclusões).</p> <p>- Actividades de aplicação ao dia a dia.</p> <p>- Reflexão conjunta.</p> <p>- Arrumo do material e limpeza da sala.</p> <p>- Leitura e escrita das dimensões das obras de arte analisadas.</p> <p>- Estabelecimento de relações entre largura e comprimento das obras e entre elas.</p> <p>- Resolução das situações problemáticas no quadro.</p> <p>- Supervisão da actividade.</p> <p>- Correção das mesmas</p>	<p>Fogão Panela Tabuleiro Copos Tinas Água Borracha Pregos Rocha de cortiça Papel estanho Bacia de plástico Vela de glicerina Chave de metal Moedas Panos</p>		<p>Das 13h50 às 14h35</p> <p>Das 14h35 às 15h20m</p>
--	--	--	---	--	--

		<p>Desenho</p> <p>Recorte</p> <p>Pintura</p>	<p>- Pesquisa na internet de imagens e informação sobre “Os Nenúfares”.</p> <p>- Diálogo sobre a técnica utilizada por Van Gogh.</p> <p>- Exploração de materiais e técnicas.</p> <p>- Realização de uma obra de arte (colectiva).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cola • Cartolinas • Tesouras • Tinta de várias cores • Pincéis • Papel de Seda de várias cores • Tela • Pano 		
--	--	--	--	---	--	--

Fundamentação Teórica: A realização de actividades experimentais nesta aula pareceu-nos ser uma boa estratégia pelo facto de motivar os alunos para a aprendizagem e sobretudo permitir-lhes o contacto mais aproximado possível da realidade, pois pensamos que estes conceitos seriam menos perceptíveis por parte dos alunos se fossem abordados apenas teoricamente. “A curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada e os alunos encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples”.

Sumário:

Língua Portuguesa – Actividades na Biblioteca do pólo 2, leitura de alguns poemas. Estabelecimento de relação entre os poemas e as obras de arte.

Estudo do Meio – Actividades experimentais sobre o Ciclo da Água, na Biblioteca Pólo 2. Organização da turma em grupos de trabalho. Realização das experiências, seguindo os guiões com os respectivos registos.

Matemática – Leitura e escrita das dimensões das obras de arte analisadas. Resolução de situações problemáticas no quadro.

Expressões – Pesquisa na internet de imagens e informações sobre “Os Nenúfares”. Exploração de materiais e técnicas.

(Recursos utilizados: Anexo 1)



Leitura de poemas.



Observação do espaço da BE.

Diálogo sobre a forma como os livros se encontram arrumados e organizados nas estantes (assuntos e cotas).





Leitura e escrita das dimensões das obras de arte analisadas.



Explorando O ciclo da água




Flutuação /afundamento dos objectos na água





Exploração de materiais e técnicas.

	Supervisora ESEB: Maria Nascimento Mateus / Paula Martins Orientadora Cooperante: Margarida Vilar Formando(a): Lúcia Maria Gabriel Meireles Caldeira
	Turma: 6º A Data: 19/05/10

Tema: D. O Século XX

Subtema: 3. O 25 de Abril 1974 e O Regime Democrático

Questões Orientadoras

- 1- Quais os órgãos do Poder Central?
- 2- Quais as funções do Presidente da República, do Governo, e da Assembleia da República?
- 3- O que são regiões autónomas?
- 4- Quais os órgãos do Poder Local e quais as suas funções?

Conteúdos	Competências	Estratégias/Experiências de Aprendizagem	Recursos	Tempo
Os órgãos do poder político Poder Central Poder Local	Definir conceitos/palavras-chave: - Poder central; Presidente da República; Governo; Assembleia da República; Região autónoma; Poder Local; Autarquia; Câmara Municipal; Junta de Freguesia. - Reconhecer a informação histórica em textos variados. - Identificar os órgãos do poder central e os órgãos do poder local e suas funções. - Identificar os órgãos de autonomia nos Açores e na Madeira. - Desenvolver o espírito crítico e a	- Apresentação da Banda Desenhada sobre o Poder Central e Poder Local, retirada do manual escolar, <i>História e Geografia de Portugal</i> , 6º ano. Texto Editores, pág. 48 à pág. 53 - Leitura dialogada da Banda Desenhada pelos alunos. - Exploração da Banda Desenhada. - Localização dos Açores e da Madeira em relação ao Continente. - Leitura e análise do artigo 6º da constituição de 1976. Definição de região autónoma. - Identificação dos órgãos do Poder Regional. - Resolução da Ficha de trabalho individual n.º1, para verificar se os alunos assimilaram ou não os conceitos abordados. Esta será feita na aula.	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro • Marcadores • Computador • Projector • Manuais escolares da Biblioteca Escolar Pólo 2 • Ficha de trabalho individual nº1 	90 min

	participação na Democracia. - Defender os valores da Democracia e a participação na mesma. - Localizar no mapa os arquipélagos dos Açores e da Madeira.			
Avaliação				
Observação centrada: - No interesse, participação, aquisição de conhecimentos e desempenho de tarefas.				
Sumário				
Os Órgãos do Poder Político: - Poder Central - Regiões Autónomas - Poder Local				
Bibliografia				
<ul style="list-style-type: none">• Costa, Fátima e Marques, António. <i>História e Geografia de Portugal</i>, 6º ano. Porto Editora• Costa, Fátima e Marques, António. <i>Caderno de actividades; História e Geografia de Portugal</i>, 6º ano. Porto Editora• Oliveira, Ana Rodrigues e Rodrigues, Arinda e Cantanhede, Francisco, <i>História e Geografia de Portugal</i>, 6º ano. Texto Editores				

(Recursos utilizados: Anexo 2)

**Escola Básica e Secundária Macedo de Cavaleiros
Plano de Aula nº 26/27**

Disciplina: Língua Portuguesa

Lição nº146/147

Professora Supervisora: Dr.^a Lurdes Cameirão

Tempo: 90 min.

Professora Cooperante: Dr.^a Margarida Vilar

Ano: 6º

Professora Estagiária: Lúcia Caldeira

Turma : A

Data:18 /05/10

Sumário.

- Leitura e exploração da obra “*A Árvore Generosa*” - Shel Silverstei
- Produção de um texto pelos alunos baseado na obra.
- Construção de uma árvore com os textos.

Conteúdos

- Leitura expressiva da obra;
- Caracterização de personagens;
- Reconhecimento das suas estruturas e funções;

Competências

- Ler expressivamente.
- Adquirir métodos de trabalho individual e em grupo que contribuam para a construção das aprendizagens.
- Manifestar preferência por personagens, momentos de acção.
- Prever acontecimentos principais.
- Descobrir características das personagens.

Desenvolvimento da aula

- Abertura da lição, no livro de ponto, pela professora estagiária, e pelos alunos no caderno diário.
- A aula será iniciada com um breve diálogo entre professora/alunos a fim de lembrarem o que foi dado na aula anterior.
- Apresentação da obra “*A Árvore Generosa*” - Shel Silverstei.
- A professora indica um aluno para fazer a leitura do livro.
- De seguida faz-se a exploração oral e também a produção escrita.
- Elaboração e registo do sumário pelo professora e alunos.

Materiais

- Livro “*A Árvore Generosa*” ;
- Caderno diário;
- Cascas secas de eucalipto, cola; tesoura ; papel de cenário.
- Computador e Projector;
- Dicionários

Avaliação

- Participação na aula e no trabalho de grupo.
- Relacionamento com os colegas, e grupos de trabalho.
- Qualidade dos textos produzidos.

(Recursos utilizados: Anexo 3)

Escola Básica e Secundária de Macedo de Cavaleiros	
Disciplina: Matemática	Ano: 5º
Unidade Didáctica: Ângulos e Triângulos	Turma: B
Professora Cooperante: Dr. ^a Helena Pires	Aula n.º: 23/24
Professora supervisora: Prof. ^a Dr. ^a Arminda Fidalgo	Lição n.º: 111/ 112
Professora Estagiária: Lúcia Caldeira	Data: 10/05/2010
	Tempo: 90 min
Sumário:	
<ul style="list-style-type: none"> - Ângulos: - Noção de ângulo; - Elementos de um ângulo; - Classificação de ângulos. - Construção de ângulos – Aula Prática; - Ficha de trabalho. 	
Conteúdos	Competências
<ul style="list-style-type: none"> • Ângulos. Classificação de ângulos 	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Aplicar os conhecimentos adquiridos na aprendizagem dos conteúdos relativos às duas unidades didácticas anteriores. ▶ Executar com eficiência a actividade proposta. ▶ Manifestar o desejo de aprender por si próprio. ▶ Revelar a capacidade de aprender e pensar. ▶ A sensibilidade para apreciar a geometria real e o reconhecimento e a utilização de ideias geométricas em diversas situações, nomeadamente na comunicação. ▶ Desenvolver o conhecimento no plano. ▶ Analisar figuras geométricas. ▶ Desenvolver a capacidade para desenvolver argumentos válidos. ▶ Desenvolver o raciocínio matemático. <p>Específicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ Identificar a representação da semi-recta; ✚ Usar a notação convencional para designar semi-recta;

	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Identificar representações de ângulos; ✚ Usar a notação convencional para designar um ângulo; ✚ Identificar ângulos geometricamente iguais; ✚ Distinguir ângulo da sua amplitude; ✚ Usar a notação convencional para designar a amplitude de um ângulo; ✚ Traçar ângulos; ✚ Medir amplitudes de ângulos; ✚ Utilizar correctamente nos traçados a régua, o esquadro e o transferidor; ✚ Efectuar medições seleccionando, adequadamente, o instrumento de medição; ✚ Realizar correctamente as actividades propostas; ✚ Expressar-se de forma clara e por escrito.
Termos Relevantes	
<ul style="list-style-type: none"> ✚ Semi-rectas ✚ Ângulo ✚ Amplitude de um ângulo ✚ Ângulo recto ✚ Ângulo agudo ✚ Ângulo obtuso ✚ Ângulo raso ✚ Ângulo giro ✚ Ângulo nulo 	
Recursos	
<p>Materiais: Computador / projector, quadro, canetas, acetatos, retroprojector, Cartaz n.º 2; Ficha informativa n.º 1; Ficha de trabalho n.º 1, transferidor, compasso, esquadro, régua.</p> <p>✚ Humanos: Professora Supervisora; Professora Cooperante; Professora Estagiária e alunos.</p>	
Tempo	Desenvolvimento da aula
90 minutos	✚ Abertura da lição, escrita do

	<p>sumário e verificação da presença dos alunos.</p> <p>✚ Início a aula fazendo uma breve revisão aquilo que foi trabalhado na aula anterior.</p> <p>✚ Seguidamente apresento e exploro o acetato nº 1 (ver anexo nº 1), para introduzir o novo tema - “Ângulos; Amplitude de um ângulo” com o intuito de verificar quais os conceitos que os alunos têm sobre ângulos, vértice e amplitude de um ângulo. Posteriormente coloco o acetato nº 2 e nº 3 (Amplitude de um Ângulo) (ver anexo nº 2), com o objectivo de os alunos compreenderem, como se faz a medição da amplitude de um ângulo e a sua respectiva notação, fazendo sempre que necessário registos no quadro para uma melhor compreensão dos alunos.</p> <p>✚ Após a explicação do acetato nº 2 e nº 3, utilizo o transferidor no acetato nº 4 como material de apoio, que tem como finalidade os alunos aprenderem a medir a amplitude dos ângulos e saber representar a sua notação (ver anexo nº 3). Depois de explicado e percebido a utilização e o manuseamento da régua, esquadro e</p>
--	---

	<p>transferidor, passo, então, para a classificação de ângulos expondo o acetato nº 5 e o cartaz nº 1 (Classificação dos ângulos – ver anexo nº 4), com o propósito de os alunos compreenderem quais os tipos de ângulos que vão ser estudados e as suas características:</p> <ul style="list-style-type: none">- Os ângulos podem ser classificados em diferentes tipos (<ul style="list-style-type: none">● Ângulo recto – que tem uma amplitude de 90°;● Ângulo agudo – que tem um amplitude entre os 0° e os 90°;● Ângulo obtuso – que tem uma amplitude entre os 90° e os 180°;● Ângulo raso – tem um amplitude de 180°, isto é dá meia volta;● Ângulo giro - que tem um amplitude de 360°, isto é dá uma volta completa;● e o Ângulo nulo – que tem uma amplitude de 0°), para isso, recorro ao cartaz n.º 1 (ver anexo 4), que através de um relógio e com os respectivos ponteiros das horas e dos minutos, vamos diferenciar os diferentes tipos de ângulos marcados. E utilizando o transferidor, o esquadro, a régua e o compasso exemplifico a
--	---

	<p>construção de um ângulo de 120º, primeiro num acetato e depois no quadro.</p> <ul style="list-style-type: none">• Para melhor compreensão da matéria distribuo aos alunos a Ficha informativa n.º 1 (ver anexo 5), que funciona como uma síntese da matéria abordada nesta aula.• Distribuo aos alunos, uma Ficha de trabalho n.º 1 (ver anexo 6), para verificar se os alunos assimilaram ou não a matéria trabalhada. Esta será feita na aula.• Para terminar, caso os alunos não terminem a ficha, esta será concluída como trabalho de casa. (ver anexo 6).
Avaliação	
<ul style="list-style-type: none">- Avaliação directa das atitudes comportamentais dos alunos;- Participação activa na resolução das actividades propostas pela professora;- Iniciativa, curiosidade pelo saber;	

(Recursos utilizados: Anexo 4)

Escola Básica e Secundária de Macedo de Cavaleiros

Disciplina: Ciências da Natureza

Ano: 5º

Unidade Didáctica: Materiais Terrestres Suportes de Vida

Turma: B

Tema: A água – Importante componente dos seres vivos;

Aula nº: 13

Professora Cooperante: Drª Helena Pires

Lição nº:81

Professora Supervisora: Dr.ª Maria José Rodrigues










Data: 04/05/10

Professora Estagiária: Lúcia Caldeira

Tempo: 45 min

Sumário

-Introdução ao tema: “A importância da água para os seres vivos”.

Conteúdos	Competências
<p> A água – importante componente dos seres vivos.</p>	<p> Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none">  Interpretar informação;  Aplicar os conceitos novos em situações concretas;  Desenvolver atitudes de respeito, abertura e capacidade de diálogo face a perspectivas e valores diferentes dos seus;  Compreender que a água é um suporte de vida;  Desenvolver os conhecimentos acerca da importância da água;  Manifestar o desejo de descobrir por si próprio;  Participar nas actividades da aula.
<p>Termos Relevantes</p>	
<p> Água.</p>	

Recursos	
<p>Recursos Materiais: 🚩 Quadro; Caneta; Manual escolar, projector multimédia e computador.</p> <p>🚩 Recursos Humanos: Professora Cooperante, Professora Estagiária, Alunos, Auxiliares da acção educativa.</p>	<p>Específicas:</p> <p>🚩 Questionar a realidade observada; Sumariar o que foi abordado na aula.</p>

Tempo	Desenvolvimento da aula
45 min	<p>🚩 A professora estagiária efectua a sua apresentação aos alunos, e relembra-lhes regras de comportamento indispensáveis na sala de aula, disponibilizando-se para qualquer esclarecimento.</p> <p>🚩 Em seguida efectua a abertura da lição e elaboração do sumário, no quadro, com a ajuda dos alunos.</p> <p>🚩 Para dar continuidade aos conceitos da aula anterior será lembrado que a água é um bem precioso para todos os seres vivos e farei uma apresentação em power point(anexo 1).</p>

Avaliação
<p>🚩 Observação directa do comportamento e participação dos alunos;</p> <p>🚩 Curiosidade e gosto em aprender;</p> <p>🚩 Questões orais.</p>

(Recursos utilizados: Anexo 5)

3.3. Descrição das situações de aprendizagem, nos dois graus de ensino e nos diferentes domínios do conhecimento, com recurso à BE.

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada foram concretizadas diversas actividades, tanto na sala de aula, como na Biblioteca Escolar do Pólo 2. Estas foram protagonizadas por três turmas distintas, uma turma de 1º Ciclo do Ensino Básico (4º Ano), e duas do 2º Ciclo (5º e 6º Anos de Escolaridade).

Uma vez que os horários das turmas de 2º ciclo correspondiam a blocos de 45 e 90 minutos, tempo por vezes insuficiente para a concretização de certas actividades, na BE, (uma vez que exigia a deslocação da turma a determinado espaço, partindo da sala de aula e voltando à mesma no final), optámos por realizar essas actividades não saindo do espaço “sala de aula”. No sentido de implementar estratégias diversificadas, recorrendo aos diferentes recursos existentes na Biblioteca Escolar, procedemos à requisição prévia desses materiais de forma a possibilitar, aos alunos, o seu manuseamento, e a sua exploração em contexto de aula.

Apesar de realizadas na sala de aula, as actividades propostas foram enriquecedoras e proficuas na construção do conhecimento, uma vez que se trabalharam obras que foram ao encontro do interesse do aluno e se disponibilizaram materiais informativos, em diferentes suportes e formatos, com conteúdos pertinentes e claros para o desenvolvimento do currículo.

Por seu lado, o horário da turma de 1º Ciclo permitiu-nos uma “margem de manobra” muito maior, o que possibilitou a realização de actividades dentro do espaço da BE, facto sempre acolhido com grande entusiasmo pelos alunos deste nível de ensino.

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada do 1º Ciclo, com a turma do 4º ano de escolaridade, constituída por 22 alunos, realizaram-se diversas actividades direccionadas para apoio às disciplinas leccionadas, nomeadamente, Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e Expressões.

Entre as várias actividades desenvolvidas na BE, seleccionámos um momento que contemplou conteúdos das diferentes áreas curriculares. Esta selecção, recaiu nesta

aula pelo facto de se ter explorado, de forma integrada, o mesmo tema por diversas perspectivas. A diversidade de conteúdos presentes nas obras literárias e a abrangência dos mesmos, permitiram relacionar diversos conhecimentos de Língua Portuguesa, Expressões (cultura visual), Ciências da Natureza e Matemática.

Os alunos realizaram uma visita ao espaço da BE, constituindo-se este como um passeio de reconhecimento em que o aluno é “explorador” de toda a área, tomando contacto com a realidade, de forma a descobrir como os recursos documentais se encontram arrumados e organizados nas estantes.

Após esta incursão pelo referido espaço, os alunos foram encaminhados para formarem grupos de trabalho e responderem aos desafios planeados. Foram, então, distribuídos aos grupos, cartões com indicações de títulos de obras de arte e referências bibliográficas de livros que as crianças teriam de encontrar nas estantes da BE. As obras de arte, foram seleccionados em função dos títulos de poemas inscritos em livros de literatura para crianças existentes na BE. Posteriormente, estabeleceram-se relações inter-textuais entre os poemas explorados e as obras analisadas. Após esta etapa, foi seleccionado um quadro e um dos poemas estudados, com títulos em comum “O Nenúfar”. A participação, a partilha e o confronto de opiniões foi visível em todo o processo de diálogo que emergiu da leitura e interpretação das obras seleccionadas. A água passou a constituir-se como tema de investigação.

A turma realizou uma actividade experimental sobre o Ciclo da Água, matéria já leccionada anteriormente. Na exploração física das obras de arte (de grandes e pequenas dimensões), os alunos observaram atentamente as informações fornecidas pela legenda da obra (autor ; título ; data da execução; suporte ; dimensões...) estabelecendo relações entre elas (largura e comprimento). Procedeu-se, de seguida, à análise do tema, descrevendo-se os lugares, o enquadramento da cena, as personagens, a acção e os objectos. Também se fez uma análise plástica aos elementos da obra (técnica, cor, desenho, linha, traço...).

Através da interacção professora/aluno, aluno/professor identificaram-se os conhecimentos que todos possuíam sobre os nenúfares. Partiu-se, então, para o processo de pesquisa de informação e imagens na Internet sobre o assunto em estudo, bem como da obra de arte em questão. Desta forma, os alunos aprofundaram os seus conhecimentos, desenvolvendo competências de informação e digitais. O dia terminou com a realização de uma actividade colectiva de expressão plástica (pintura de uma

tela), promovendo-se o trabalho de grupo e as competências necessárias ao desenvolvimento do mesmo.

De uma maneira geral, considero que as actividades decorreram de forma positiva, quer a nível de organização, quer a nível de motivação e participação da turma, tendo contribuído para tal o facto de a BE ser um espaço amplo, acolhedor, bem estruturado e familiar, já conhecido e frequentado pela turma, possibilitando que os alunos se comportassem e movessem de uma forma livre e espontânea mas interessada.

A realização destas actividades permitiu trabalhar diversas competências e valores essenciais ao desenvolvimento cognitivo, afectivo e social, tais como o espírito de equipa, o respeito mútuo e o espírito crítico.

3.4. Reflexão sobre as experiências de aprendizagem efectuadas com recurso à BE: possibilidades e limitações presentes. E no futuro?

Numa sociedade em mudança e, perante um panorama escolar que impõe desafios novos aos professores, é fundamental reflectir sobre aspectos que ocupam um lugar importante no contexto educativo, debater respostas que a escola pode dar a esses desafios, em particular a partir de ou em articulação com a biblioteca escolar.

Este novo modelo de sociedade, designada por Sociedade da Informação e do Conhecimento, pressupõe um novo paradigma educativo, paradigma humanista e construtivista, centrado no aluno, segundo o qual a escola deve desenvolver nos alunos capacidades e competências que lhes permitam aprender a aprender, a saber e a resolver problemas. A escola deve preparar os alunos para uma aprendizagem ao longo da vida numa sociedade em que o volume da informação e do conhecimento crescem exponencialmente e se encontram em permanente mudança. Segundo Bertrand e Valois²⁷, *as organizações educativas procuram educar os membros da sociedade correspondendo aos desafios que esta lhe coloca*. É, então, necessário que a escola transmita valores e conhecimentos que permitam aos alunos tomar decisões de forma

²⁷ Bertrand, Y., & Valois, Y. (1994). *Paradigmas Educacionais - escola e sociedades*. Lisboa. Instituto Piaget: p.229.

autónoma e responsável e sejam participantes activos na construção do seu próprio sucesso e da sociedade actual.

A biblioteca escolar desempenha um papel primordial e insubstituível nesse processo de construção do saber e do conhecimento. Existem, hoje, diversos estudos que comprovam inequivocamente que a biblioteca escolar, com um bom funcionamento e condições adequadas, contribuiu muito positivamente para o aumento do sucesso educativo. Sobre isso, Lonsdale²⁸ afirma que os estudos realizados demonstram que as bibliotecas escolares têm um impacto positivo no sucesso dos alunos, sendo este potenciado quando são garantidas ao nível da biblioteca escolar determinadas condições.

A Portaria 756/2009, de 14 de Julho, institui o cargo de professor bibliotecário nas escolas e define o conteúdo funcional do mesmo, estabelecendo como prioridade o desenvolvimento de hábitos e competências de leitura, de literacia da informação e de competências digitais, de modo a formar cidadãos letrados, autónomos e críticos, capazes de se informarem e tomarem decisões. O professor bibliotecário torna-se, assim, o parceiro educativo que, em articulação e cooperação com os demais agentes educativos, contribui para o sucesso educativo dos alunos, promovendo a aprendizagem e a construção do conhecimento.

O trabalho por nós desenvolvido na biblioteca escolar, como professora bibliotecária, e com recurso à biblioteca escolar como professora, correspondeu, em larga escala, aos objectivos traçados pela biblioteca escolar no que concerne ao desenvolvimento das competências de leitura e de literacias dos alunos.

Como professora bibliotecária, procurámos desenvolver uma prática em articulação com os professores, colaborando na elaboração e disponibilização de recursos e materiais de apoio ao currículo que servissem a aprendizagem dos alunos nos diferentes níveis de escolaridade. Consideramos a biblioteca escolar como um centro de pesquisa e de informação, bem como um local de interacção e desenvolvimento crítico dos professores e alunos. Assim, facilitámos o acesso à biblioteca escolar em contexto de sala de aula, procurando que os professores a considerassem como um local de aprendizagem, de formação e aquisição de conhecimento. Conscientes de que as aprendizagens se tornam mais significativas quando operacionalizadas de forma interdisciplinar e/ou ligadas a necessidades ou problemas da vida real, desenvolvemos

²⁸ *Impact of School Libraries on Student Achievement* (2003), disponível em <http://www.asla.org.au/research/Australia-review.htm>, acedido em 30 de Junho de 2010

práticas de pesquisa de informação em articulação com os conteúdos programáticos, planificadas em articulação com os professores. Sempre que necessário e solicitado, os serviços da biblioteca, através de recursos e materiais em diversos suportes e formatos, eram disponibilizados para as salas de aula num verdadeiro trabalho colaborativo.

Como professora, conhecedora das potencialidades da biblioteca escolar e do papel formativo e educativo que esta desempenha, procurámos desenvolver a prática lectiva recorrendo à biblioteca escolar, rentabilizando os recursos documentais e informáticos aí existentes, numa estreita articulação com os recursos humanos responsáveis pelo espaço e serviços da mesma. Assim, demos continuidade ao trabalho de desenvolvimento de competências de leitura, de literacia da informação e digitais.

O balanço do trabalho desenvolvido é francamente positivo, uma vez que a biblioteca escolar do Agrupamento é um espaço agradável, convidativo à leitura e ao trabalho. O fundo documental é adequado em quantidade, qualidade e diversidade ao número e idade dos alunos que frequentam a escola, propiciando o seu uso quer em contexto de aula, quer em actividades livres. A Direcção do Agrupamento tem consciência da importância da biblioteca escolar na promoção do sucesso educativo e, conseqüentemente, dota este espaço das condições e recursos necessários ao seu bom funcionamento, de forma a prestar um serviço de qualidade a toda a comunidade educativa.

Como aspecto menos positivo, e que nos parece generalizado a todo o país, apontaremos a dificuldade de articulação dos professores com a biblioteca escolar. Embora esse constrangimento tenha vindo progressivamente a melhorar, muitos professores não olham ainda a biblioteca escolar como o pilar fundamental no suporte à aprendizagem, ao currículo e à formação integral do aluno. A relação entre biblioteca escolar e aprendizagem é factor determinante e essa relação só pode ser estabelecida se não falhar a ligação entre os professores e a biblioteca, entre eles e o professor bibliotecário e a ligação entre a biblioteca escolar e a sala de aula. Parece-nos que a falta de formação no âmbito da biblioteca escolar e das literacias do século XXI, aliada à ausência de uma cultura colaborativa, ainda existente nas nossas escolas, são factores condicionantes de um verdadeiro trabalho para o desenvolvimento da literacia e para a construção de uma inteligência colectiva.

O futuro, apesar das adversidades económicas actuais, passará sempre pela aposta num trabalho de qualidade na e com a biblioteca escolar. As estratégias têm que ser adaptadas às circunstâncias, assumindo todos, direcções, professores bibliotecários e

docentes, uma atitude pró-activa no desenvolvimento de um projecto consistente e sólido, em plena articulação. O investimento na formação e auto-formação é essencial a uma permanente actualização do conhecimento, numa sociedade em permanente mudança. A biblioteca escolar, através do professor bibliotecário, deverá liderar essa mudança na escola, apostando no essencial e esquecendo o acessório.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

No actual paradigma da Sociedade da Informação e do Conhecimento, a biblioteca escolar atravessa mudanças assinaláveis nas suas práticas, passando de depósitos de livros e de lugares de lazer, a lugares geradores de aprendizagens e de conhecimento.

Torna-se cada vez mais premente a necessidade de reequacionar o papel da escola na sua relação com a sociedade e com as exigências educacionais e de formação das crianças e jovens. A biblioteca escolar, pelas características já apontadas, pode desempenhar um papel catalisador, essencial à inovação pedagógica e organizacional das escolas, disponibilizando recursos e promovendo práticas conducentes a uma educação de qualidade, concebendo-se como um instrumento de renovação pedagógica, uma porta aberta ao mundo.

O mundo de hoje apela à formação contínua e aos saberes diversificados. As bibliotecas, enquanto espaços organizados, existem para dar resposta a esse apelo e às necessidades daí decorrentes.

O nosso trabalho despertou os alunos para o mundo dos livros, da leitura e dos *media*, contribuiu para que estes valorizassem o espaço da Biblioteca Escolar, como um importante centro de informação e de conhecimento. Embora saibamos que a criação de hábitos é algo que só se atinge a longo prazo, podemos afirmar que contribuímos para que os alunos ganhassem o hábito e sentissem a necessidade de usar os serviços da BE.

Referências Bibliográficas

- **Barros**, Elsa *et al* (Julho/Setembro 2010). “Bibliotecas Escolares, Ambientes de Aprendizagem”, *Noesis – Revista trimestral*. Lisboa. Editorial do Ministério da Educação.
- **Bento**, Isabel (1998). *Como incentivar e apoiar a pesquisa de informação – desenvolvimento de projectos no 2º ciclo do ensino básico*. Lisboa. Ministério da Educação.
- **Bertrand**, Y., & Valois, Y. (1994). *Paradigmas Educacionais - escola e sociedades*. Lisboa. Instituto Piaget.
- **Calixto**, José António (1996). *A Biblioteca Escolar e a Sociedade de Informação*. Lisboa. Editorial Caminho, S.A.
- **Calixto**, J. A.. *Literacia da Informação: Um desafio para as bibliotecas*- Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo555/.pdf>. (acedido em Julho 2009)
- **Canário**, R. (1994). *Mediatecas Escolares. Génese e desenvolvimento de uma inovação*. Lisboa: IIE
- **Conselho Nacional de Educação** (1999). *Ensino Experimental e Construção de Saberes*. Lisboa. Ministério da Educação.
- **Secretaria de Estado da Cultura**, *Leitura Pública – Redes de Bibliotecas Municipais, Despacho n° 23/86, 3 de Abril*. Lisboa
- **Diário da República 2ª Série, N° 113**. *Despacho N° 43/ME/MC/95*
- *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*; Volume 3 (1965); Editorial Verbo. Lisboa.
- **Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares**. *Modelo de Auto-Avaliação das Bibliotecas Escolares* (2008). Disponível em:

- <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/np4/31.html> (acedido em Agosto 2009)
- **Magalhães**, Ana Maria et al (1998). *A biblioteca da escola e o prazer de ler*. Lisboa. Ministério da Educação.
 - **Martins**, Rosa (2008). “Textos de apoio unidade curricular”. Disponíveis em: <http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/course/view.php?id=253> (acedido em Dezembro 2009)
 - *Livro verde para a sociedade da informação*. (1997) Lisboa, **MSI** (Missão para a Sociedade de Informação) e Ministério da Ciência e da Tecnologia.
 - **Pessoa**, Ana Maria (1994). *A Biblioteca Escolar: Organização para uma Pedagogia diferente do 1º ciclo do Ensino Básico ao final do Secundário*. Porto. Campo das Letras.
 - **Pinto**, Gilda (2005). *Formação da Comunidade Educativa*. Trofa. Gráfica da Trofa.
 - **Pinto**, Paixão dos Santos. (2009). *Marketing e Relações Públicas nas Bibliotecas Escolares*. Lisboa. Universidade Aberta
 - **Plano Nacional de Leitura** (2010). *Relatório de Actividades – 4º Ano*. Lisboa. Plano Nacional de Leitura.
 - Portaria do Ministério dos Negócios do Reino, Direcção-Geral da Instrução Pública, in *Diário de Lisboa*, 20 de Julho de 1866
 - **Diário da República 1ª Série, Nº 134**. Portaria 756/2009, de 14 de Junho - Disponível em <http://www.dgrhe.min-edu.pt/web/guest/institucional> (acedido em Junho 2009)
 - Portaria 13 599/2006, de 28 de Junho - Disponível em http://www.ige.min-edu.pt/upload/GTAA/Desp_13599_2006.pdf (acedido em Fevereiro 2011)
 - **Sequeira**, Maria de Fátima (2000). *Formar Leitores – O contributo da biblioteca escolar*. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional.

Referências Bibliográficas

- **Soares**, Maria Almira (2003). *Como Motivar para a Leitura*. Lisboa. Editorial Presença
- **Todd**, Ross (2008). “The Evidence – Based Manifesto for School Librarians.” *Schoollibrary Journal*, <http://www.schoollibraryjournal.com/article/CA6545434.html>, (acedido em Dezembro 2009)
- **Veiga**, Isabel *et al.* (1996). *Lançar a rede de Bibliotecas escolares*, Lisboa: Ministério da Educação.
- **Xarepe**, Maria Odete (1998). *Como incentivar e apoiar a pesquisa de informação*. Lisboa. Ministério da Educação.
- 11^{as} Jornadas de Bibliotecas Infantiles, Juveniles y Escolares (2003). *Bibliotecas para todos*. Salamanca. Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- 15^{as} Jornadas de Bibliotecas Infantiles, Juveniles y Escolares (2007). *Entre líneas anda el juego*. Salamanca. Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf (acedido em 12/07/2008)

Directrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares

- http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf (acedido em 12/09/2009)
- <http://viajar.clix.pt/chegar.php?c=43&lg=pt&mg=1> (acedido em 1 Maio 2011)

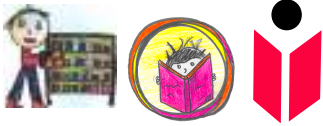
ANEXOS

Anexo 1

Pedido de Autorização ao Director do Agrupamento Vertical de Escolas de Macedo de Cavaleiros

Anexo 2

Questionário Aplicado



B. Leitura e literacia

QA2 Questionário aos alunos

Data:

Escola _____

1. Identificação Masculino Feminino

2. Frequento o ano de escolaridade seguinte:

1° 2° 3° 4° 5° 6° 7° 8° 9° 10° 11° 12°

3. Vais à biblioteca escolar (BE) ou usas os livros, revistas, ... que ela faz circular para ler:

3.1 Todos os dias

3.2 Uma ou duas vezes por semana

3.3 Uma ou duas vezes por mês

3.4 Uma ou duas vezes por período

3.5 Muito raramente e de forma irregular

3.6 Nunca, porque

Nota: Se respondeste nunca, nas perguntas seguintes responde apenas àquelas em que tens informações para dar.

4. Em que situações mais utilizas a BE nas tuas actividades de leitura?

Indica as três situações mais frequentes.

- 4.1 Sozinho/a ou com colegas.
- 4.2 Com o/a professor/a.
- 4.3 Em actividades que a BE organiza.
- 4.4 Depois das aulas.
- 4.5 Nos intervalos.
- 4.6 Nas férias.
- 4.7 Noutra situação. Qual?
-

5. Requisitas livros para ler?

- 5.1 Diariamente.
- 5.2 Uma ou duas vezes por semana.
- 5.3 Uma ou duas vezes por mês.
- 5.4 Uma ou duas vezes durante cada período.
- 5.5 Muito raramente ou nunca, porque a BE não tem os livros de que gosto.
- 5.6 Muito raramente ou nunca, porque em casa arranjo os livros de que gosto.

6. Se requisitas livros, quando é que o fazes?

- 6.1 Durante o período de aulas.
- 6.2 Nas férias do Natal/ Páscoa.
- 6.3 Nas férias de Verão.

7. Quando vais à BE para ler ou requisitar um livro, a equipa da BE dá-te sugestões e apoia-te, se pedires?

Muitas vezes Algumas vezes Nunca

8. Quando procuras livros para ler ou para fazer trabalhos, encontras o que queres?

Muitas vezes Algumas vezes Nunca

9. Os teus professores incentivam-te a ler?

Muitas vezes Algumas vezes Nunca

10. Costumas participar em actividades de leitura na BE acompanhada(o) do teu professor e dos teus colegas?

Muitas vezes Algumas vezes Nunca

11. Como classificarias as tuas competências de leitura?

Excelentes Boas Médias Fracas

12. O que pensas do trabalho realizado pela Biblioteca Escolar?

A biblioteca escolar	Sim	Não
1. Motiva-me para ler mais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Ajuda-me a encontrar livros interessantes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Tem actividades que me fazem gostar mais de ler (divulgação de livros, clubes, encontros com escritores, concursos, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Informa-me sobre livros e outras publicações ou acerca de outras novidades ou actividades relacionadas com livros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Oferece formas de exprimir as minhas opiniões (blogues, jornal, fóruns, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Ajuda-me a conhecer escritores e pessoas ligadas aos livros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Outra:		

13. Como classificas as seguintes actividades realizadas pela BE?

Actividades realizadas pela BE	Muito interessante	Interessante	Pouco interessante	Não conheço
1. Divulgação do escritor do mês.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Guiões de leitura sobre autores ou obras.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Exposições/actividades temáticas relacionadas com autores ou obras.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Celebração de datas significativas (dia da poesia, dia do livro infantil, dia da biblioteca escolar...).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Participação em projectos de leitura com o docente e a turma.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Realização de sessões de leitura, de apresentação/ debate sobre livros ou temáticas relacionadas com os livros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Indica outra actividade de que gostaste:	<hr/>			

14. Já participaste em algumas destas actividades?

Actividade:	Sim	Não
1. Sessões de leitura, de reconto na BE.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Projectos de leitura.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Jornal da BE/ <i>Newsletter</i> .	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Blogue/ Fórum de discussão.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Concursos de leitura.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Clubes de leitura.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Indica outra actividade de que gostaste:	<hr/>	

15. Compara o que fazes agora com o que fazias no início do ano lectivo.

	Sim	Não
1. Agora leio mais livros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Agora leio mais depressa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Agora leio livros com mais texto e textos mais longos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Agora leio qualquer tipo de texto e compreendo melhor o que leio.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Agora perco-me menos, quando procuro informação na Internet.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Agora gosto mais de falar e de escrever sobre livros ou sobre outros assuntos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Agora estou mais à vontade para discutir/ dialogar sobre preferências de leitura ou outros assuntos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Agora tenho melhores resultados escolares, porque estou mais à vontade na leitura.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. Em que medida consideras que a BE contribuiu para as tuas competências de leitura e para os teus resultados escolares?

Muito

Medianamente

Pouco

Nada

Anexo 3

Plano de Aula

- 1º Ciclo -

Anexo 4

Plano de Aula

- História e Geografia de Portugal -

Anexo 5

Plano de Aula

- Língua Portuguesa -

Anexo 6

Plano de Aula

- Matemática -

Anexo 7

Plano de Aula

- Ciências da Natureza -